

ASSIGNATURAS
 ANNO. 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPAREGE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Uma das primeiras preocupações do Governo Provisorio foi crear uma ordem honorifica, symbolizada na medalha Christovam Colombo; mas o radicalismo tanto se oppoz a esse meio de marcar relevantes serviços prestados á Republica que a idéa ficou amortalhada no decreto de sua consagração. E como naquelle tempo os republicanos prehistoricos e os adheristas da umdecima hora andavam apavorados com os vestigios do regimen supprimido, manifestou-se uma verdadeira raiva contra estes: as corôas com os ramos de café e fumo, as iniciaes do Imperador fôram arraucadas das fachadas dos monumentos, dos edificios, rapadas miseravelmente do titulo das estradas de ferro, dos collegios e até das taboetas das casas de commercio. Essa furia devastadora encontrou echo no seio da Constituinte e gerou a egualdade perante a lei com a eliminação do privilegio de nascimento, dos fóros de nobreza, das ordens honorificas, todas as suas prerogativas e regalias, bem como os titulos nobiliarchicos e de conselhos, conforme ficou escripto no § 2º do art. 72 da Constituição.

As tendencias ultra ornamentaes da nossa raça, sob a preponderancia do atavismo de avós autochtones, conquistados para a civilização com missangas e bugigangas, pennachos multicôres, se contiveram ante o terror que, desde então, amordaçou as consciencias e creou essa passividade que é o genuino traço de destaque do caracter nacional. Ninguem ousou protestar contra a razoura implacavel: os diplomas venerandos, os titulos de nobreza, as venéras se tornaram invalidos objectos de adorno, cuidadosamente guardados entre as reliquias de uma saudade suspeita. Mas, passada a crise dos melindres jacobinos, o uzo foi readquirindo o seu imperio

irresistivel; o vocabulo commendador, barão, conselheiro volveram aos labios e eram proferidos mesmo nas altas regiões, onde o culto da Constituição foi por sua vez esmorecendo até se tornar uma coisa quasi ridicula, sinão desprezivel. Houve um conselheiro, barão, ministro do fundador da Republica, que ousou interpretar a Constituição, respeitando direitos adquiridos, num luminoso parecer do illustre João Barbalho, ministro do Interior e da Justiça.

Houve, entretanto, certas abstenções quanto ao uzo das condecorações que tanto realce davam ás fardas douradas e ás casacas elegantes, contentando-se alguns recalcitrantes com o uzo de um modesto botão symbolico na lapella e ás medalhas de campanha, que o proprio Marechal de Ferro continuou a uzar como adorno sagrado, inalienavel, recordando um inestimavel direito adquirido pelo tributo de sangue derramado pela honra da nação, pela integridade da patria.

Mais tarde, fôram reconhecidas as medalhas humanitarias, e, ampliando a tolerancia, fôram creadas medalhas de merito militar, umas e outras excluidas da prohibição constitucional pelo facto de não serem ordens honorificas. O governo do sr. Campos Salles creou medalhas de bronze, medalhas de ouro, que fôram consideradas simples peça de fardamento, como os galões, os trancelins, os pennachos, os botões. Os militares mais radicaes, mais jacobinos, fôram obrigados a uzal-as, sob pena de se considerem desuniformizados.

E como o que é bom, o que é bonito deve chegar para todos, porque na familia da Republica não ha distincção entre filhos e enteados, o sr. Rodrigues Alves instituiu no dia 24 de maio, de gloriosa recordação, uma medalha de merito para os officiaes e praças do corpo de bombeiros da Capital Federal, traduzindo e assignalando os bons e relevantes serviços

por elles prestados aos habitantes desta cidade e aos poderes publicos com abnegação e valor. E logo, em seguida, na mesma gloriosa data, creou outra medalha para recompensar os serviços prestados pelos officiaes, inferiores e praças da Guarda Nacional da União, olvidando, porém, os substantivos—abnegação e valor—que a sobredita guarda não teve occasião de merecer.

Nesse andar de desdém aos melindres constitucionaes, será iniquo olvidar outras classes de servidores leaes do Estado, funcionarios que na penumbra das secretarias, não luctam contra as devastações do fogo, não defrontam com bravura os perigos que assediam a Guarda Nacional, mas trabalham sem o brilho de exhibições commovedoras para a manutenção da honra e da integridade da patria. Uma venéra symbolica de benemerencia, destinada a traduzir a gratidão do Governo, que é o representante da gratidão nacional, tanto se deve ostentar sobre uma farda quanto sobre o palitot sovado no serviço publico, serviço ignorado, comprovado em documentos subtraídos á admiração, ao louvor publicos, relevantissimos serviços que ficaram esquecidos na poeirenta paz dos archivos insondaveis.

Si essa Guarda Nacional, si essa brilhante milicia de officiaes sem legiões, merece ser medalhada pelo serviço de pura exhibição ornamental em paradas estupendas, realisadas mediante um recrutamento barbaro de figurantes inocuos como comparsas de enscenaçõs theatraes, muito mais merecem as legiões de servidores obscuros a cousumirem as energias vitaes, desde o alvorecer da mocidade até o crepusculo da decrepitude, no trabalho sedentario de auxiliares da direcção das coisas publicas, individuos que são o combustivel incessante da machina do governo, sem um instante de remissão, na faina de garantir a segurança da collectividade, o

exito dos seus idéaes. No caso dos bombeiros, que expõem a vida para debellarem incendios pavorosos; no caso da Guarda Nacional, que não se expõe a coisa alguma, sinão ao sacrificio de pagar os emolumentos das patentes, o custo da farda e a affrontar corajosamente o ridiculo; no caso dos funcionarios, servidores ignorados, trata-se egualmente do serviço publico: em todos elles, ha ensejo para se praticarem actos de benemerencia, de valor civico, dignos de medalha de bronze, de prata, de ouro.

Além disso, a Guarda Nacional merecia menos essa expressão da gratidão publica por ter sido rebaixada do seu papel de milicia,—constituindo as reservas da tropa de linha,—a um instrumento de corrupção empregado pela politicagem, com o mais escandaloso abuso, e a garantir aos tratantes as prisões privilegiadas.

* * *

Mas.. o nosso amigo Seabra é um homem sentimental, é ornamental como toda a especie descendente do *mico erectus*: não lhe levaremos á carga esse peccado venial de fechar a sua administração com as medalhas.

E que commettesse erros a que a contingencia humana não se pôde subtraír, elles seriam dignos de indulgencia porque, além da probidade individual que ninguem contesta, nem já-mais contestou, ao illustre ministro demissionario, s. ex. ligou o seu nome á humanitaria campanha do saneamento do Rio de Janeiro, campanha de civilização, proficua, triumphante, por si só valendo por um inestimavel titulo de benemerencia.

* * *

NOTA

Não podemos aceitar reptos de um individuo que se nos figura um piolho emigrado dos desbordamentos do Vaza Barris e abrigado, nutrido e engordado nas venerandas virilhas da olygarchia cearense.

Pessôas da mais acatada circumspecção, inclusive o sr. João Lopes, deputado pelo Ceará, leram o trecho attribuido a invenção malevola, como si fôsse necessario procurar, além dos factos mais notorios pela abominavel frequencia, provas dos processos de perfidia uzados pelos usurpadores do governo daquelle Estado.

Movidos por um impulso de pudor, os sicarios inconscientes, os calumniadores vezanicos que transformam o diario official, *O Republica*, num pelourinho dos adversarios, deixaram de remetel-o á redacção dos *Annaes*, privando-nos, portanto, de verificar, immediatamente, no original, a perfidia. O trecho que inspirou a nossa *Chronica* de 24

de maio, num. 82, foi encontrado no *Jornal do Ceará*, de 2 de maio, e nós não podiamos já-mais imaginar que esse jornal se tivesse contaminado do virus da improbidade journalistica que dá feição característica á réles imprensa do governador.

Nós nada inventámos; outros, que torpemente abuzaram da nossa boa fé, é que infamaram o seu jornal.

POJUCAN.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

PELO RIO NEGRO: A VAPOR, A REMO E Á SIRGA

Luctando com toda a sorte de accidentes, iamos remontando, palmo a palmo, durante dias e semanas interminaveis, as estiradas leguas do Rio Negro, ao longo das suas margens baixas e alagadiças, onde por extensissimos trechos não apparecia uma casa para romper a monotonia desoladora do verde sombrio da floresta; nem um cerro se erguia sobre o cimo nivelado daquelle planicie sem fim.

De longe em longe, alguns tucanos, nos logares mais estreitos, cruzavam o espaço pela nossa prôa baixando sempre o vôo, em arraucadas frequentes, fazendo-nos temer que não conseguissem ganhar a outra margem.

Os escassos povos que iamos encontrando, achavamos sempre quasi abandonados e em plena decadencia como os de baixo. Alguns tinham apenas meia duzia de pobres ranchos, dentre os quaes se destacava, pela melhor apparencia, a casa de morada e tenda do negociante da terra. De outros só restava dos antigos tempos florescentes, em que os indios eram chamados ao trabalho que os fazia felizes, um tejupar solitario e abandonado ás más hervas das ruinas que o envolviam por toda a parte com seus longos braços sarmentosos, retorcendo-se e agarrando-se com as gavinhas, grimpendo do chão ao alto da cumieira, que apparecia coberta de flôres, brotando da indolencia e da miseria, como um protesto da natureza. O dono estava no seringal tiritando de frio e queimado pela febre, trabalhando dia e noite para o patrão que lhe havia fiado alguns covados de *Yaiá do ouro* para a *cunhã* e dois ou tres garrações de cachaça para embrutecel-o ainda mais.

A roça, onde o pobre plantára a mandiôca que lhe dava a farinha para o caribé, a gomma para o tacacá, a tapiôca para o mingáu, a maniçoba para cozinhar com a paca ou caetitú, fôra devorada pelas varas de *tayassús* (porcos do uatto) e pelas antas, que vinham refocillar-se, chafurdando nos barreiros do igarapé.

E quando elle voltasse, alquebrado pela malaria, com um facão e uma

caça de mais e uns filhos ou a mulher de menos, que deixou enterrados na lama do seringal, acharia o cahacury no fundo porque o rio estava cheio; a caça fugira para o interior com medo da enchente; o peixe refugiára-se no igapó, onde mais alimento achava. E elle, coitado, limparia o rancho, tomaria as gotteiras com alguns manojos de palha, armaria a rede num canto e iniciaria outra vez, com os filhos que lhe restaram a vida da miseria. Subiria na montaria até á casa do patrão e voltaria com um paneiro ou dois de farinha dura, negra e azeda e mais escravizado pela nova divida contraída e comprometido com toda a familia para a safra seguinte. Até que o rio baixasse e o cahacury desse peixe e os cabeçudos e mata-unatás voltassem, elle viveria da farinha e das pimentas que a sua immensa pimenteira lhe fornecia. Que vida a dessa gente, que se váe extinguindo rapidamente!!...

Muitos povos haviam desaparecido inteiramente, e nos seus sitios elevavam-se já grandes capoeirões, tão altos e bastos como a floresta virgem.

Levava commigo as memorias de Lobo d'Almada e outras do seculo XVIII e os livros interessantes de Amazonas e de Baena, onde a região decadente, que perlustravamos, é pintada florescente e populosa nos tempos de outr'óra. Lia-os com a alma confrangida, e a imaginação transportava-se, combalida, áquelle epocha em que o trabalho compulsorio fecundava a terra portentosa, cujos filhos precisavam, como até hoje, de tutela.

Os dias eram quentes. O sol do Amazonas, quer no inverno, quer no estio, queima como fogo. Sob a tolda, os *piúns* nos *carneavam* desapiedadamente; sobre ella os raios solares nos tostavam.

As noites, felizmente, eram frescas. Esqueciamos no somno reparador as nossas fadigas e saudades, e os sonhos transformavam aquelle rio grande, negro e desolado num palacio encantado.

O nosso chefe, o tenente-coronel Francisco Xavier Lopes d'Araujo, que foi no fim da demarcação promovido a coronel e galardoado com o titulo de barão de Parima, porque o governo do Imperador considerou os seus serviços relevantes, viajava numa lancha a vapor a que demos o seu nome, comprada em Manãos para o serviço da commissão. Tinha o casco de ferro, a tolda, pezadissima, de ferro tambem, e bons cinco pés de calado. A machina era das mais simples e não primava pela solidez das peças. A caldeira não tinha sufficiente capacidade e por isso a pressão baixava rapidamente, quando se dava mais

força á machina, sendo frequentemente preciso encostar á margem e parar até que o manometro de novo subisse.

Não era grande coisa a lancha *Araujo*; mas, por seis contos de réis, não era possível comprar nada melhor. Apesar dos muitos senões, prestou-nos bons serviços. A compra não se realizou sem obstaculos. A maior parte dos collegas manifestaram-se contrarios, bazeando-se nas informações que colhemos em Manáos, onde, sem discrepancia, todos affirmavam a impossibilidade de remontar a vapor as formidaveis cachoeiras do Rio Negro, que eram pintadas com côres carregadas e das quaes contavam passagens aterradoras e naufragios tremendos.

Sómente o Joaquim Pimentel e eu opinámos pela compra, porque os nossos informantes nos pareceram exaggerados.

A nossa opinião venceu, porque era tambem a do chefe.

A lancha transportou-o até ao remanso da cachoeira de Camanáu, subindo as correntezas fortes e vencendo, garbosa, os rapidos de Tapurúquara, Massaraby e Joannabáni.

Numa corredeira mais forte, a do Abú, logo abaixo de Camanáu, escapou de ir a pique e perder-se com todos que iam dentro della, inclusive o estinado chefe.

Em Camanáu, parou. Um conselho dos melhores praticos, convocado *ad hoc*, foi de parecer que lhe era impossível a passagem da zona encachoeirada.

O vaporsinho foi condemnado a ficar amarrado, em plena inutilidade, no remanso da grande cachoeira, abaixo do sitio do major Palheta, até á nossa volta.

Ninguem quiz assumir a responsabilidade de arrojál-a naquellas aguas, ruidosas e revoltas.

O proprio Araujo conformou-se. O Pimentel e eu, que tanto nos esforçavamos pela sua aquisição, cedemos deante do argumento persuasivo daquelles cachões, que desciam precipitando-se pelos cachopos denegridos e abrindo-se em flôres colossaes de brancas espumas.

Todos nós fômos testemunhas oculares e curiosas dos perigos que os nossos batelões, descarregados, correram, levados á sirga, bem encostados ás rochas marginaes, com todo cuidado, na lucta com os torvellinhos que se escancaravam a cada momento para tragal-os e com as columnas, que se levantavam ameaçadoras do seio do abysmo e rebentavam pela prôa e pelos bordos, inundando o porão.

Os companheiros, pensava eu, an-

daram mais avisados. Aconselhei uma despeza inutil.

Nada disseram, entretanto. Todos estimavam muito o querido chefe e o respeitavam, como elle tanto merecia. Nenhum fez allusão ao abandono da lancha alli, tão longe da fronteira, imprestavel e guardada por um pessoal que nada fazia.

Lá ficou; e a commissão subiu o trecho encachoeirado, de Camanáu até São Gabriel, em *igaritès*, gastando dois dias para percorrer aquellas seis leguas. Mas... que leguas aquellas!! Ha trechos, onde cada metro vale mais de um kilometro.

Si a lancha não fôsse de ferro, tentariam, talvez, a passagem. Mas... assim — os praticos não queriam se arriscar, porque bastaria para submergil-a um embate forte do casco fragil contra qualquer dos innumerados cabeços de rochedos, que emergiam por toda parte da superficie ondulante dos rebôjos e da espumarada dos raudaes.

No dia 19 de junho de 1879, chegámos ao povoado de São Gabriel, que era então o mais importante do Rio Negro e tido pelos *Sãogabrieluáras* como a sua côrte, talvez por ter mais do que os outros, algumas casas com paredes levantadas a sopapos e portas de madeira sem pintar, com taramellas de páu.

E' aprazivel o sitio e o panorama bellissimo.

Edificaram-no sobre collinas suavemente curvas, onde se espalhavam trepando aos altos arredondados e descendo aos valles quasi razos, pequenos ranchos dispersos, cujo colorido, de argilla escura, não cazava bem com o verde chromo do relvado e o tom mais carregado da matãta, que começava escura, densa e difficil de penetrar, logo ao pé dos quintaes da casaria.

Para o lado de cima, numa eminencia, tremia ao sopro das ventanias a humilde e vetusta capellinha, coberta de palha já muito resequida e com os paramentos cultuaes em deploravel estado de abandono. Quem delles cuidaria, si era avis rarissima, por aquellas bandas, um padre?

Mais além, dominando trecho extenso do rio, em posição escolhida por excellente, viam-se as ruinas do velho forte, que os portuguezes construíram nos meados do seculo XVIII, para se oppor ás possiveis invasões dos hespanhões de Venezuela ou da Columbia.

Já quasi nada restava, então, dessa obra, que tinha a fórma de um barrete de clérigo, cuja góla dava para o rio, fechada por uma frente abalaurada.

No logar da cortina e do largo portão que dava accesso ao recinto, só existia um mural.

Dois salientes estavam abertos em

largas brechas, por onde rolaram as pedras da muralha formando na base da escarpa altos montões. Do quartel e outras dependencias, restavam vestigios apagados, em páus destruidos pela podridão.

Possuiu, nos bons tempos, oito canhões de ferro fundido e calibre seis, que haviam desertado das canhoneiras, descido dos reparos, abandonado as velhas platafórmias e jaziam em andaina estendidos no terraplano, arrumados uns ao lado dos outros, privados das velhas armas portuguezas que ostentaram na faixa alta da culatra, que a ferrugem tinha devorado, e com ouvidos tão corroidos que pareciam boccas abertas.

Aos pés do povoado, passa o rio rugindo, com a velocidade de seis milhas por hora, constringido em trezentos metros de largura, com o leito juncado de cachopos, que emergem coroados de espuma, dividido, quasi ao meio da parte de baixo, por um ilhéu coberto de matto. Decoram o fundo do soberbo quadro elevadas cumiadas da serra de Curicuriay, que se vêem meio azuladas elevando-se sobre a floresta e os picos de Uanári e Cabary. Do lado do povoado, avista-se a serra de São Gabriel, de mediana altura, onde já houve grande abundancia de gallos da serra (*Pipra rupicola*), hoje bastante escassos, pela perseguição de que são victimas, por causa dos bons preços que acham nos mercados.

Como guardas vigilantes dessa secção pictoresca do rio, dando sempre, sem um instante de tregua, brados atreadores de alerta, precipitam-se em grandes despenhos as suas duas mais famosas cachoeiras: Fortaleza, do lado de cima, ao sopé das altas escarpas amagotadas, onde estão as ruinas do forte; e Curucú do lado de baixo, além dos limites da povoação.

Dé Curucú a Camanáu, as cachoeiras e os rapidos succedem-se a curtos intervallos, despenhando-se e abrindo caminho através dos escombros das montanhas, que o rio rasgou e demoliu.

Sobresãem entre ellas, pelo fragor das quédas, pelo jogo descompassado das aguas, pelo remoinhar das correntes desencontradas e pelos riscos que se corre arrastando as suas coleras, as seguintes, subindo: Uayanary, Uiricuy, Uaricany, Burédabáni, Maricicuy, Uacudabáni, Çuaçúretiman, Pederneiras, Tapajos, Cujubim, Uainamby, Furnas, Itapinima, Amán, Arapá, Pagé, Guaiaby e Curiána. Ao todo, dezoito.

De São Gabriel para cima, a zona encachoeirada estende-se ainda por quatro longas leguas, até proximo das boccas do rio Uaupez.

Dahi para adiante, a navegação é franca. Apenas, de vez em quando,

num cotovello do rio, a correnteza é mais forte,

No dia 28 de julho, chegámos a Marabitanas, onde permaneceríamos até que viessem a nós os collegas de Venezuela, que já se demoravam bastante.

São José de Marabitanas foi uma das povoações maiores e que mais floresceram nos tempos coloniaes. Do milheiro e meio de casas que possuía no seculo XVIII, não havia sinão umas vinte quando lá estivemos, e essas em pessimo estado, sendo que algumas apresentavam o aspecto de ruínas.

Dos antigos quarteis e fortificações, viamos apenas uns dois ou tres esteios desaprumados e socalcos quasi arrazados e cobertos de capim de burro, mangerioba e melão do pae Caetano.

Para o lado de cima e além das velhas trincheiras, estava a egrejinha, com uma pequena torre de madeira ao lado e muito baixa, onde um velho sino amarrado com liames de *cipó-imbé* chamava, no tempo das festas, os foliões meio ebrios para levantarem o mastro tradicional e rezarem o terço, repicando mais alegre si a festa era do Espirito Santo e passava o *Cairé*.

Esses mastros festivos teem no tópe uma bandeirola branca de madraço, onde os Raphaelis indigenas pintam a imagem sarapintada do santo. Pela haste arriba, o enfeitam de canas doces, laranjas e abios, bananas e ananazes com filhotes e tudo o que lhes parece bello e os antigos fizeram no tempo dos frades carmelitas, os civilisadores dos avós, que fôram certamente mais felizes.

E' muito raro, mas uma ou outra vez se vê pastando uma rez gorda e bem tratada no restricto rocio do povo. E' inutil tentar compral-a. E' sagrada, pois pertence a Santo Antonio, S. José, Nossa Senhora ou ao Espirito Santo, e só será sacrificada no dia da festa. Quando não teem a rez, engordam tartarugas no curral cheio d'agua, cercado e cavado no lugar onde não chegam as aguas da enchente.

E' um tempo de grandes alegrias para os pobres tapuyos o das suas festas religiosas, onde só de longe em longe figuram sacerdotes. A muitas assisti sem a sua presença. Passam semanas, umas após outras, sem que esmoreça o ruido dos tamborins tocados com uma só vaqueta e percorrendo a povoação de uma ponta a outra, onde os cantos melancolicos e duma monotonia empolgante são interrompidos pelas vózes estridulas e roucas dos mais entusiastas foliões, vivendo o santo festejado.

Antes da festa do Espirito Santo, a bandeira com a pomba sagrada, toda enfeitada de fitas multicôres, váe

de sitio em sitio; ao som dos tamborins e duma cabaça desgrudada e com acompanhamento de canôas, tirar esmoladas para os grandes dias da plantação do mastro até o fim das novenas, em que ha um grande jantar servido em longa meza, onde, ás vezes, alveja uma toalha e ao lado de cada prato um montão de farinha d'agua. Não são variadas as iguarias, mas abundantes e regadas, em grande copia, por cachaca, que algum indio, mettido a engraçado, chama «cauim cariúa» e que todos preferem ao verdadeiro feito de mandiôca. Quando é de *arromba* a festa do Espirito Santo, os velhos da povoação arranjam um «cairé», que é um mixto de cerimoniaes pagãs e catholicas, bastante curioso. Um semi-circulo, com o diametro para baixo, e encimado por uma cruz que um tapuyo entusiasmado e forte carrega bem alto, com os raios todos enfeitados de fitas e capuchos de algodão, com plumas de ararapiranga, frouxeis niveos de garças, azues, verdes, vermelhos, dourados, côr de bronze, des urucuans e tangarás. Velhas tapuyas acompanham o «cairé» atrás dos tamborins, que nunca se calam; numa dellas é coxa on finge sel-o. E' a «naimy cetimã-iapára (velha coxa) indispensavel, que váe apesepello e suarenta cantando offegante e cauçada, mas animada pela rudeza da sua fé, a reza singela que aprendeu, ainda «cnhâtain», na sua lingua pobre, mas ataviada de vocabulos de admiravel belleza na sua harmonia e simpleza imaginativa.

Do que a velha coxa cantava, pude copiar apenas algumas estrophes:

Itá camuty pupé
São João oceruca ana
Mitanga poranga etê.
Jesus, Maria e José.

Maria, cunhã poranga,
Imembira ahê iauê,
Oikô iuaka opê
Oçarú arama ianê anga.
Jesus, Maria e José.

Jesus, caturetê, reikô
Curuçá turuçú opê
Opâi mahã ayua çui
Repicirú, Jesus, ianê.
Jesus, Maria e José.

A traducção desses pobres versos, compostos, sem duvida, pelos antigos missionarios, que enriqueceram de tão grande numero de vocabulos novos, compostos por agglutinação, a formosa *lingua bôa* (nheengatu), é a seguinte, ao pé da letra:

Numa bacia de pedra
São João baptizou
Menino muito bonito.
Jesus, Maria e José.

Maria, mulher formosa,
Seu filho como ella é,
Estão no céo
Para esperar as nossas almas.
Jesus, Maria e José.

Muito bom Jesus estás
Na grande cruz,
De todos os males,
Livra, Jesus, a nós.
Jesus, Maria e José.

A' noite, rezam o terço e cantam a ladainha tirada pelo sacristão, que é sempre um dos mais ladinos. Quando o subdelegado é entoado, toma a batuta.

Vi num povoado do Rio Negro, depois do terço, á noite, a face do rio mais negra do que ella e reflectindo, tremulas, as imagens meio apagadas das estrellas, illuminar-se de subito e profundamente de luzes que se moviam ao som da corrente e desciam formando um rastro que se perdia na primeira volta. Eram centenaes, talvez milheiros, de lampadas fluctuantes, feitas de cascas de abio e de laranja, e cheias de manteiga de tartaruga onde mergulhava um pavio de algodão. Dnas ou tres canôas as accendiam e as iam largando rio abaixo.

Os indios sacrificam tudo ás suas festas. Não ha interesse nem receio que os faça abandonal-as. Uma vez, precisei de alguns para tripularem uma canôa que seguia em diligencia e, depois de ter exgotado todos os meios brandos e suasorios, recorri ás ameaças, porque o serviço era urgente. Fiz virem dois dos mais civilisados á minha presença e dei-lhes ordem de apromptarem-se. Um delles respondeu-me:

—Não posso ir.

—Porque?

—Sou folião.

—Não quero saber disso; primeiro, a obrigação; depois, a devoção.

—Mas eu não von—respondeu o tapuyo, em tom decidido.

—Si não quizer ir por bem, váe á força,—disse-lhe para experimental-o.

—A' força, não, patrão, porque eu sou cidadão e a lei me garante.

Sentia-me batido por aquelle caboclo que conhecia os seus direitos e sabia defendel-os.

O serviço publico não podia soffrer, entretanto, e recorri a um argumento, que triumphou.

—Você é cidadão, não ha duvida; mas tambem é guarda nacional (todos os indios ou quasi todos do Rio Negro pertenciam a esta milicia), e tem de fazer o serviço que seus superiores lhe ordenarem.

Submetteu-se e fez a diligencia, mas tão rapida que volton ainda para exercer o seu *cargo* de folião. Dei-lhe uma bôa gratificação.

A mesquinha povoação de Marabi-

tanças fica insulada na epocha das cheias. Uma sanja pouco profunda, que o rio cavou e enche ao crescer, separa-a do continente.

Dista do posto militar do Cucuhy, por onde passa a fronteira, cerca de sete leguas.

Deu-se alli um facto notavel pela singularidade e si não fôsse tão tragico, seria immensamente comico.

Um indio moço e forte foi pescado por um peixe, uma enorme «pirahiba».

Vivia num sitio, logo abaixo da povoação, e era grande pescador. Gostava de estender o espinhel num remanso abaixo da bocca dum igarapé. Um dia, descuidou-se, quando colhia a linha cheia de anzões. A pirahiba deu um arranco e arrastou-o prezo por um anzol para o fundo. Morreu afogado. No outro dia, foi achado o seu cadaver ligado pela linha ao corpo da pirahiba, ainda viva.

DIONYSIO CERQUEIRA.

PAGINAS ESQUECIDAS

A REVISTA

Um programma de revista ou de jornal é sempre uma banalidade, uma simples peça de ornamentação, posta á primeira columna por amor á praxe... Francamente, não passa disso... Nem pela linguagem, nem pelas idéas, o programma é coisa que se tome muito a serio.

Mas nas linhas encantadoras que honram hoje esta secção, ha evidentemente uma excepção, não já porque a *Revista Moderna* cumpriu, até certo ponto, o que prometeu, mas, sobretudo, porque é uma pagina gloriosa, sem as banalidades do «estyló», onde se exprimem todas as aspirações de uma publicação moderna, e que reproduzimos como um admiravel modelo nesta epocha de revistas.

A direcção da *Revista Moderna* deseja que eu a explique e a louve de ante dos amigos que ella já pressente, e risonhamente espera, no Brazil e em Portugal. E tal louvor é docemente facil. Aparecendo neste meiado de maio, com as flôres de maio, sem ruido, na ponta ligeira das suas paginas bem ornadas, tão silenciosamente como as proprias rosas de maio, ella tem por programma dar Noticias e dar Imagens: — eu não conheço Programma, que, sob esta simplicidade familiar, imponha trabalho mais aspero, e, depois de realizado com disciplina e com gosto, seja dum utilidade mais substancial para todos aquelles, innumeraveis, que no immenso In-folio do Mundo apenas tem o vagar de percorrer açodadamente o indice!

A Noticia e a Imagem são, com effeito, resumos supremos, postos em curtas linhas o em finos traços, de vastos e complicados movimentos do Pensamento e da Acção. Quando o meu Jornal conta que se achou e venceu o bacillo duma Peste — quantos annos de paciente experimentação, de attenta e sagaz analyse, d'anciedades e luctas com a Materia rebelde, elle resume nessa linha apressada e secca! Quando a minha Illustração, numa estreita gravura, me mostra uma inundação ou um incendio ou uma batalha, quantos desesperos, e angustias, e bestiaes egoismos, e renunciamentos magnificos, e tormentos da carne, e espantos da alma, ella condensa e immobiliza nesses contornos ligeiros, sem consistencia e quasi sem sombra! Noticias e Imagens são assim extractos fortemente concentrados da Vida ambiente, que, caíndo na nossa imaginação, desenvolvem nella toda emoção viva que em si contém,—exactamente como essas gotas d'essencias, que, entornadas num vaso d'agua, o repassam doseu sabor, do seu aroma, da sua virtude nociva ou benéfica. O Tempo, o velho da negra foice, é quem ordinariamente se encarrega de reduzir a Noticias e Imagens os mais complexos e longos factos do Espirito ou da Vida. Tudo quanto subterraneamente ou ambientemente serviu para os crear, desenvolver e vivificar, elle vae cada dia eliminando e tragando, até que o facto fica desbastado, descarnado, na nudez do seu esqueleto essencial, cabendo todo numa linha impressa ou nos curtos riscos dum lapis esperto. Os maiores acontecimentos da Historia, que agitaram durante seculos imperios e massas humanas, andam hoje comprimidos dentro da pagina dum compendio que as creanças decoram merendando e rindo. Todas as grandezas, e conquistas, e devastações de raças, e edificações de cidades que tornaram Rhameses equal aos Deuses, não dão para mais dum phrase erudita, nem para mais dum desenho representando um vago Pharaoh de barba encarocollada, com as duas mãos immoveis sobre os joelhos. E daqui a quatro ou cinco mil breves annos, a Revolução Franceza, cuja historia atulha Bibliothecas e ainda se não completou — andar á contada nas

Racolas em vinte ou trinta palavras, e a unica imagem, sufficientemente expressiva para a commentar, será um bando de esfarrapados derrubando uma fortaleza.

Ora, fazer rapidamente, e cada semana, esta simplificação concentrada da Historia, como o Tempo detidamente a faz através dos seculos vagarosos, é tarefa mais arquejante do que fabricar uma Theoria Social ou desenrolar uma nova fórmula d'Arte. Com duas resmas de papel, uma collecção de systemas, alguma phantasia especulativa, muito vagar, muita independencia, facilmente se constrúe um systema philosophico ou esthetico, decente e até vistoso... Mas resumir nitidamente, substancialmente, numa columna, toda esta tenebrosa, intrincada, conflictiva, dispersa historia da guerra Turco-Grega — eis ahí façanha de que Hercules, com toda a sua leviandade heroica, se arredaria, preferindo com certeza voltar ás cavallariças d'Augias!

E no emtanto esta tarefa difficil é a mais utilmente generosa que póde hojeprehender uma Revista. Tão profusa, e complicada, e tumultuaria, e rapida se tem tornado a vida moderna que, se os seus factos dominantes não fôsem flagrantemente apanhados em imagens concretas, e fixados em resumos limpidos, nós teriamos sempre a afflictiva sensação de irmos levados num confuso e parda-cento redomoinho de ruido e poeira. Seria como se deante de nós se folheiasse vertiginosamente um livro, ou passassem, em manchas successivas e fugidias, grossas estampas que o vento baralhasse e levasse: e assim ficaríamos sem ler jámais o enredo da nossa propria Historia, ou sem demorar nunca os olhos nos gestos da nossa Acção. Sobretudo soffreriam esta estonteada impressão aquelles que vivem longe da Europa, e todavia incessantemente olham para a Europa como para o Palco onde se representam cada dia as mais pittorescas, as mais instructivas, as mais patheticas, as mais alegres, as mais profundas, as mais bem-escriptas Tragi-Comedias Humanas. Sem alguém bem dedicado que lhes resuma finamente os entrecchos, e lhes transmitta num traço veridico a originalidade das attitudes,

esses não distinguiriam de longe, neste magnifico Theatro, mais do que um rolo de sombras, sem fórma e sem nome, tumultuando em acções que não pareceriam ter razão nem fim. A *Revista* é essa dedicada amiga que destaca da massa sombriamente move-dição as scenas e os Actores que, por um momento, merecem risos ou lagrimas...

Mas o melhor serviço desta *Revista* será quando nos guie através da obra incessante da Civilisação — ou antes vigie á beira da immensa torrente da Civilisação, e rapidamente detenha e colha as obras melhores, antes que todas tumultuariamente passem e mergulhem no escuro mar que as devora. Pensemos que a França escreve cada anno dez mil livros! e a Inglaterra quatorze mil! e a Allemanha dezaseis mil! E quantos Quadros se pintam! E quantas Estatuas se modelam! E quantas conclusões da Sciencia! E quantas invenções da phantasia! Toda esta producção rola com brilho vacillante: e como poderiam, aquelles que não vivem parados a observar a estranha corrente, saber do bom livro, ou da fina obra d'arte, ou da descoberta do saber, ou da gentil elegancia, se a *Revista*, com rapida segurança, não escolhesse e apanhasse, dentre a vaga fugitiva, a obra que merece ficar, enquanto as outras se embrulham e se somem na nevoa que tudo apaga?

Mas se eu tentasse celebrar todos os serviços que presta a *Revista* condensando a Historia, murmurando a Aneodota, detalhando os Costumes, resumindo as Lettras, expondo a Arte, contando a Sciencia, engastando a Phantasia, mostrando todo um Mundo a outro Mundo, eu não lhe deixaria, nestas paginas d'estréa, espaço para ella começar alegremente as suas on-deantes e esparsas funcções que podem ir desde a chronica duma Revolução até ao desenho dum Figurino. Nem me retardo mesmo em a louvar pela graça e luxo com que ella se veste e se adorna, para passear, conduzindo o seu Publico, através da Civilisação... De resto, eu notava que ella nascia em maio e com as flôres de maio. Ora, de nada serve espetar deante duma roseira um eloquente cartaz, exaltando as rosas que vão abrir,

o brilho da sua çarnação, a fina excellencia do seu aroma, os cuidados que se empregaram na sua cultura, e os ramos que com ella se comporão para embellezar a vida. O melhor é que a roseira desabroche, — e, se as flôres fôrem de resplandescente viço, não faltará quem as admire, e as respire, e as côrte, e as conserve. Sobretudo uma *roseira*, que, como a velha e graciosa lenda do Indostão, sabe os annaes dos Povos, desfia os segredos da Natureza, murmura os boatos dos palacios e das choupanas, repete as nobres coisas que estão nos livros, ensina as maravilhas escondidas na Arte, conhece divertidas ou tocantes historias, e depois, só por si, é, como qualquer outro florido e perfumado arbusto de jardim, um «sêr de belleza», e portanto, segundo affirma o Poeta inglez, um «creador de felicidade»!

EÇA DE QUEIROZ.

APANHADOS

Um trenó automovel Esta original invenção é devida á necessidade que se faz sentir, na Russia e nas regiões frias da America do Norte, de ter, com facilidade, vehiculos susceptiveis de andar rapidamente sobre a neve e o gelo que cobrem as estradas e os campos durante a maior parte do anno. Deve-se a sua invenção a um ardente automobilista americano, o sr. J. K. Flood, que começou transformando em trenó-automovel, um dos seus carros, substituindo as duas rodas da frente por um engenhoso systema de patins, cujo dispositivo se repete um pouco mais simplificado nas ultimas rodas do vehiculo.

* *

O mais antigo dos sports Apesar da introdução do polo, na França, ser relativamente recente, a origem desse jogo interessante é quasi desconhecida. Suppõe-se que elle foi inventado pelos antigos persas e se espalhou rapidamente na Asia Central e na India. Uma coisa é certa: é que o polo esteve, durante muito tempo, em voga, na côrte dos imperadores byzantinos. Os velhos poemas persas contêm numerosas descripções do sport nacional, que se jogava então com o auxilio de longas bengalas terminadas por um gancho; os cavalleiros tratavam de chamar a bola para o seu lado em logar de a projectar para longe, como se faz actualmente.

Cemiterio de cavallos Si Paris tem o seu cemiterio de cães, a Inglaterra possui, ha mais de vinte e cinco annos, uma necropole especial onde são guardados os restos mortaes dos *pur-sang*, que se fizeram notaveis no grande *turf*. Salientam-se nesse curioso cemiterio seis cruces e pedras tumulares que cobrem as sepulturas de cavallos que saíram vencedores nas corridas do celebre Derby de Epsom. Um desses illustres bucephalos fez parte das cavallariças de Eduardo VII, então principe de Galles, e ganhou 68 corridas na sua longa e brilhante carreira sportiva.

* *

As prisões da Persia Ha alguns annos, foi moda falar das prisões de Fresnes, onde os malfeitores, dizia-se, eram tratados com mais gentileza e consideração do que os viajantes nos hotéis de aldeia. O mesmo não se pôde dizer das prisões do shah da Persia. Um explorador, recentemente chegado de Seistan, provincia persa onde os costumes são ainda muito primitivos, contou coisas bastante curiosas sobre o tratamento infligido aos prisioneiros. Durante a noite, elles são encerrados nos subterraneos do palacio do governador e de dia estão carregados de enormes cadeias prezas ás lages do pateo. Os prisioneiros não são alimentados pelos seus carcereiros, em Seistan; são levados, uma hora por dia, através da cidade, onde fazem appello á caridade dos habitantes. Os viveres que recebem são reunidos e depois repartidos em pequenas porções.

* *

Varias Um sabio francez affirma que existem na Terra 240.000 qualidades diferentes de insectos. Entre todas essas especies, ha uns tão pequenos que seriam precisos 4.000 para egualar a grossura dum grão de areia.

*

Cazaram-se agora, na Suissa, duas pessoas que levaram quarenta e cinco annos como noivos.

*

A primeira libra de chá que se vendeu na Inglaterra custou 250 francos. A mesma quantidade custaria, hoje, 1 franco e 25 centimos.

*

Um grande transatlantico embarca, em cada viagem, para uzo dos passageiros, 10.000 charutos, 500 libras de tabaco e 10.000 pacotes de cigarros.

* *

A bicycleta na Hollanda Os estrangeiros que visitam a Hollanda ficam admirados ao ver o logar que a bicycleta occupa, hoje, na vida quotidiana do povo. Até as criadas das mais modestas casas de Amsterdam vão ao

mercado fazer compras, pedalando na bicycleta com o cesto preso á machina por um simples e engenhoso systema de correias.

* * *

A peste na India Tomou um caracter bastante assustador a peste na India ingleza, o anno pasado. Nunca a horrorosa molestia tinha sido tão violenta. De ha cinco annos para cá que ella vem augmentando, aos poucos, para irromper, terrivel, nos primeiros mezes de 1905. Em 1901, matava 272.000 pessoas; em 1902, subia um pouco, fa a 580.000, crescia no anno seguinte e cortava a vida a 850.000 pessoas e, em 1904, já se mostrava bastante pavorosa, matando 1.025.000 habitantes da península. Mais terrivel ainda apparecia em 1905; nos quatro primeiros mezes, já tinha attingido a 690.000 e, si continuasse assim devastadora, chegaria a 2 milhões. Felizmente foi diminuindo, applicando, e não tão foi longe: ficou quasi com o mesmo numero de 1904, 1 milhão e pouco mais de 500.000. Este anno, não tem sido tão violenta, tem apparecido raras vezes e assim mesmo com pouca intensidade.

A Inglaterra, com o pequeno numero de medicos que tem na India, se mostra impotente para debellar a terrivel peste. Que podem fazer 700 medicos para uma monstruosa população de 260 milhões de habitantes?

* * *

O brinquedo dum rajah do South Kensington Museum, de Londres, tem a attenção chamada para um grupo bizarro que tem uma historia bem interessante. Esse objecto de arte, em bronze cinzelado, delicadamente executado, representa um tigre estendido ferozmente sobre um homem; esse grupo, que é nada menos que um brinquedo, mede 3 metros e 10 de comprimento.

Agóra a historia desse estranho brinquedo: No seculo XVIII, Tippoo-Sahib, soberano de Mysore, defendia valentemente os seus dominios contra os iuglezes invasores. Afinal morreu durante um assalto furioso dado á sua capital, Seringapatán, e o exercito britannico penetrou, victorioso, na cidade do rajah. Os officiaes que se achavam á frente das tropas descobriram no palacio o automato em questão. Em presença de Tippoo-Sahib, um creado hindú, eucarregado especialmente desse serviço, rodava a manivella que se encontrava no flanco do animal. Rugidos enormes ouviam-se então e o soldado inglez, em baixo da barriga do monstro, gritava dolorosamente. Esse brinquedo horroroso era trabalho dum operario hindú que

levou cinco annos a executar o complicado mechanismo que se achava no interior do animal.

* * *

Os rivaes dos egypcios Ainda se pergunta como os antigos egypcios, que não dispunham sinão de machinas e instrumentos primitivos, puderam transportar, para distancias enormes, blócos de pedra tão pezados como os seus grandes obeliscos. Certamente, em breve, esse mysterio será esclarecido. Agóra, como rivaes poderosos dos egypcios apresentam-se os yankees que acabam de praticar uma daquellas façanhas antigas. Transportaram uma columna de granito dum tamanho tão extraordinario que lembra as proezas dos architectos da antiguidade. Tratava-se de levar, nos Estados-Unidos, de Vinalhaven para Nova-York, uma columna talhada num blóco, destinada a uma igreja em construcção; o pezo era de cinquenta toneladas. Foi preciso construir um truck, especie de carroça, mas uma carroça especial, monstruosa, e dar-lhe rodas massiças de aço dum diametro de 1 metro e 45. Para collocar a pedra sobre o vehiculo, empregaram-se quatro guindastes a vapor e levaram nessa operação 19 dias. Afinal ligaram á grande carroça uma poderosa locomotiva, que levou, lentamente, o monolitho para Nova York.

BILHETE POSTAL

(Ao cardeal Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro)

Eminencia: — A's multiplas manifestações que o clero, a nobreza (hoje transformada—como avalanche demolidora da Republica — em burguezia) e o povo tem feito a Vossa Eminencia, o humilde rabiscador destas linhas quer tambem juntar as suas.

Si eu fôsse um poeta, desses que povôam—compensando a falta de braços para a lavoira — essas immensas terras do Brazil, este bilhete postal não seria sinão um trabalhado poema, em que cada verso, lapidado cuidadosamente, louvasse as altas qualidades, as virtudes extraordinarias do espirito de Vossa Eminencia, e tão esplendidamente christãs que atravessaram o incerto Atlantico, transpuzeram o perigoso Gibraltar, o Mediterraneo, e fôram intensamente ferir a alma do Santissimo Padre, na sua longinqua collina do Vaticano! E de tal modo Vossa Eminencia tinha, até

então, dirigido este rebanho do Senhor, com as suas amoveis pastoraes (como—para citar uma—aquella refutando a calumnia contra os virtuosos Irmãos Maristas), que o Papa, mais inclinado a escolher um dos prelados argentinos, ou mesmo do Chile, para a dignidade de ser o primeiro cardeal da America do Sul, mudou sabiamente de pensar e, por uma inspiração divina, escolheu Vossa Eminencia para receber o chapéo e o manto de purpura.

Mas, Eminencia, eu não sou poeta; estou convencido de que nunca farei uma quadrinha, um simples verso, e esta certeza tão pungente, tão desconsoladora, foi agóra que eu a tive mortalmente.

Com a alma vibrando de um forte jubilo, cheia dessa scintilla do céo que accende, como elles dizem, os poetas, muni-me de quanto livro se tem publicado desde que a Humanidade faz versos (a quantos milhares de seculos, isso, santo Deus!) e que ensinam metrificar e rimar. Assim, custosamente galguei, sob a pezada carga daquelles Tratados, os ensombrados caminhos do Sylvestre. Parecia-me que, entre o socego daquellas velhas arvores, ouvindo o acariciador rumorejar das aguas vivas que fogem, cantando, por entre a relva fresca — todo o encanto da paz que aquelle retiro de poetas exála — a Musa, que com ancia eu tenho procurado a largos annos, viria mais facilmente em meu auxilio.

No botequim, emquanto saboreava o requinte civilisado de um absintho com gelo — calmamente, e com methodo, verifiquei si o meu lapis estava bem aparado, si as minhas tiras, em branco, eram bem assetinadas. Pago o absintho, embrenhei-me na floresta. Lá, muito no alto, parei. Havia uma clareira, um banco tósco e uma tósca meza. Por entre as folhas, eu lobrigava, a espaços, retalhos do céo esplendidamente azul; a meus pés, sob o sol macio de ouro deste suave outomno carióca, a cidade era uma indecisa mancha cinzenta, em torno dos morros verdes, junto ao mar sereno, como um immenso lago. Nas arvores, a passarada irrequieta palrava; ouvia-se o canto de um canario-Caruso e, no ar fresco, errava um bom perfume de folhas, de flôres selvagens.

Abauquei-me, atirei para um lado o meu chapéu de palha e, enquanto com uma das mãos arrepanhava os cabellos, de tão fortes estímulos poéticos, com a outra, caprichosamente e com amor, lancei o título, em letras floreadas — mais vistosas que as fachadas da Avenida — e logo abaixo, num cursivo fino — a dedicatória filial.

Alli permaneci, naquella recanto do Sylvestre, quatro longas horas. Trinta e cinco vezes, abri e fechei o sr. Guimaraens Passos no seu *Tratado de Versificação*; cincoenta e nove vezes, tomei o venerando *Diccionario* do defuncto Castilho, em busca de uma rima difficil; as tiras de papel que rabisquei e que depois, com desespero, amassava e atirava para um lado, por imprestaveis, fôram sem conta! Fumei quarenta e tres cigarros; desesperado já, invoquei Deus, Moysés, Santo Agostinho e a Virgem do Parto, que o sr. Rodrigues Alves, segundo o mestre Domingos Olympio, mandou respeitar. Vasculhei a memoria, em busca de algum santo que em vida tivesse feito verso: não achei nenhum; os poetas estavam todos, talvez, no inferno. Tudo, em vão! Quasi doido, com uma enxaqueca de arrebenhar miolos, tive (oh! suprema amargura!) de desistir da minha óde! Porque, Eminencia, eu não sou o menino Mario Alencar, que o sr. Rio Branco tenha.

A tarde começava a desmaiar; para os lados da barra, as fortalezas iam aos poucos mergulhando nas sombras, e um barco de pescador entrava com as brancas vélas enfunadas de muito vento. Era necessario voltar: a atormentada cata de versos dera-me fome; antes, porém, de abandonar aquelles sitios (e repare Vossa Eminencia para este quadro symbolico, que lembra a justiça do Santo Officio) estrassalhei, com furor, o *Tratado* do sr. Guimaraens Passos; com a chama de um phosphoro inutilizei para sempre o *Diccionario de Rimas*. Era justo. Aquelles livros eram inúteis, porque o assumpto da minha óde era profundamente inspirador — era divino! Lancei um derradeiro olhar sobre aquelle campo de batalha, junção de destroços, tomei o meu chapéu e abalei apressado para o bonde, quasi a partir.

Assim, pois, eu não era poeta; eu não podia fazer versos. Urgia, entretanto, que eu declarasse a minha communhão ás festas em honra de Vossa Eminencia. E pois, si não consegui fazel-a em versos, de um vôo lyrico arrojado (como eu os imaginava) — porque simplesmente, sem grandezas e sem rimas, eu não escreveria a Vossa Eminencia um bilhete-postal?

E assim o faço. Todavia, ha ainda um desgosto, além do já citado, (cla-

ma ne cesses!) — o sr. Walfrido Ribeiro, secretario dos *Annaes*, declarou-me não poder inserir no texto — como exigem, na actualidade, os cartões postaes — illustrações e gravuras (e entre ellas uma, que Vossa Eminencia, com um doce sorriso, cheio de desculpas pelas fraquezas humanas, saberia apreciar: era um retrato artistico de Cléo de Mérode, com os seus olhos magníficos e seus magníficos cabellos).

O Mestre Divino, em singelas parabolias, nos aconselhava, porém, a paciencia, como uma virtude salutar. Sejamos paciente.

Eminencia: O papel que o Brazil assumiu no concerto das nações, como se diz diplomaticamente, com a elevação de Vossa Eminencia a Principe da Igreja Romana, foi consideravel!

Sinão, rapidamente vejamos o que eramos antes do acto de summa bondade do Santissimo Padre. Este grande paiz, cheio de grandes florestas, de rios extraordinarios, de riquezas fabulosas, só era conhecido como uma inhospita região, patria segunda da febre amarella, habitada por uma horda de selvagens. Desconheciam lá fóra a nossa geographia, como desconheciam os nossos uzos, os nossos costumes, os nossos feitos. Si por ali algures, um bandido matava um representante estrangeiro, no dia immediato, em Paris ou em Londres, o *Martin* ou *Times* informavam o barbaro assassinato do ministro plenipotenciario da Beocia (por exemplo) em Iquitos, e accrescentavam logo, para que não houvesse uma duvida no espirito do leitor, que Iquitos era uma cidade dos Estados Unidos do Brazil. Si, por nosso lado, descobria-se uma coisa de rara importancia, como os thesouros do morro do Castello; ou elevavamos uma estatua a uma das nossas glorias nacionaes, com emphase e certeza, a imprensa ingleza ou franceza gabava o espirito curioso ou a gratidão do povo, pela descoberta das riquezas do morro do Castello, em Buenos Aires, ou pelo monumento do grande general peruano Caxias.

Eramos assim uns nullos na historia do mundo.

Hoje, não, Eminencia. Qualquer ignorante sabe já que temos uma Avenida, que vamos ter um congresso Pan-Americano. As sessões semanaes da nossa Academia de Lettras são lidas com avidéz em todo o mundo e commentadas com *ohs!* admirativos, pelos fulgurantes talentos dos nossos *Immortaes*. Affirmaram-me, mesmo, que em Pekin as *Paginas escolhidas*, do sr. João Ribeiro, traduzidas e commentadas com finura por um intellectual chinez, teem já centenas de edições. E até (oh! abençoada influencia!) o maxixe que em Paris era mexi-

cano e cheio de *tt* e *ch*, foi logo reabilitado, abrazeirado! E tudo isso, Eminencia, porque temos um cardeal!

Si assim, nas nossas relações internacionaes, a preferencia do Summo Pontifice nos collocou numa posição invejavel, as modificações internas não fôram menores.

Um ex-amigo meu (cujas relações prudentemente cortei) attribuiu os males, que este anno nos affligiram, ás coleras do Diabo, agastado com a elevação de uonsenhor Arcoverde ao cardinalato. Assim, dizia elle, quando é que tivemos tantas desgraças juntas... o triste episodio de Jacuacanga... as enchentes do Parahyba, as chuvas torrencias? Eu, porém, cuja fé é daquellas (ai de nós!) que se vão tornando raras, repelli essas absurdas hypotheses, com energia e horror! Mas, as coisas boas tambem vieram. O convenio de Taubaté (cujas clausulas Vossa Eminencia approvou com gesto protector), o *blóco*, o famoso *blóco*, que em politica representa um facto notavel, são outras tantas manifestações exuberantes de que Deus é nosso alliado, de que Elle, por causa de Vossa Eminencia, está conosco.

A estes factos que, sem commentarios, eu vou aqui ligeiramente enumerando, nós temos ainda a accrescentar, como um renascimento de fé, a collocação do Christo no Jury. E aqui ha ainda a notar o espirito de democracia de Vossa Eminencia, que, sendo principe, se liga ao jacobino Deocleciano, emprestando-lhe paternalmente a perna que lhe falta, para que naquelle recinto, onde a Moral sempre viveu pura, ao lado da anstera Justiça, a imagem desse outro Martyr, que os impios dalli arrancaram, num momento de allucinação, fôsse com pompa restabelecida.

Eminencia! O povo, o clero e a nobreza cumprem apenas, e modestamente, o seu dever, manifestando a sua gratidão ao Arcebispo que soube merecer tamanha honra.

As recepções festivas e carinhosas no desembarque de Vossa Eminencia, os foguetes, as bandas de musica, os arcos de bambús e folhagens, a rhetorica, os escudos de papelão com disticos — *Benedictus qui veni in nomine Domini* — symbolizam a alegria das vossas ovelhas.

Todas as manhãs, com soffreguidão orgulhosa, antes mesmo de escovar os dentes, eu corro ás folhas, ás secções religiosas, e sempre encontro lá, alegremente, a noticia de mais uma manifestação.

Mas, a crer no que relata a *Gazeta*, de segunda-feira 28 de maio passado, os fiéis de Inhaúma bateram o *record* nas provas do seu affecto.

Aquella immensa procissão que domingo desfilou, pelas ruas desta

capital, ao som dos dobrados da banda do 15º batalhão da Guarda Nacional (muito afinada depois da parada do dia 24), teve um esplendor soberbo! Em frente do palacio da Conceição, o prestito parou. A natureza (como se diz vulgarmente por ahí) enfeitou-se de galas e louçanias: «a tarde (como relata o noticiaria, em palavras que textualmente copio) estava lindissima e a viração (faltou o «subtil») passava brandamente...» De pé, sob o throno, (como fielmente transcrevo!) cercado de anjinhos, de senhoritas, de senhoras e senhores graves, Vossa Eminencia recebeu aquella rajada de amor dos parochianos de Inhaúma. Houve discursos e, ao agradecimento, Vossa Eminencia teve uma phrase de uma eloquencia superior a Lacordaire ou a Bossuet, pela sua simplicidade. Dirigindo-se aos manifestantes, Vossa Eminencia, «visivelmente commovido», disse:—*Vós sois as flôres cultivadas no jardim de Inhaúma.*

Oh! estas palavras tocaram—*au plus fand du cœur*—os cordeiros de Vossa Eminencia. Os anjinhos, que rodeavam o throno na sua ingenuidade, sorriam; as *demoiselles* tiveram um rubor de pejo e de alegria no rosto; as matronas, com os olhos razos de lagrimas, agradeciam, e os cavalheiros, endomingados, sacudiam a cabeça gravemente, convencidos de que, com effeito, Inhaúma era um jardim delicioso, cujas flôres eram elles, commendadores, negociantes, officiaes da *briosa*... Alguns mesmo, mais phantastistas, imaginaram-se gyra-sôes! Um dos anjinhos adeantou-se e da sua boquinha rosea—como um sopro perfumado—saíam estes versos, que lembram João de Deus pelo lyrismo, e Heredia, pela fórma impeccavel:

Ouvi dizer esta rosa
A mais modesta das flôres:
Si és na côr meiga, mimosa
A minha tem mais fulgores.

Porque? diz a violeta
Ia a rosa responder,
Mas vem logo a borboleta
Que se apressou em dizer:

A violeta é côr da veste
Do nosso amaço Pastor
Mas tu, oh rosa, venceste
Porque tens celeste côr.

Desculpe, sr. cardeal
Esta ouzadia infantil;
Este mimo natural
Mas são flôres do Brazil;

Que elevou-se agóra tanto
Sendo cardeal monsenhor
Assim, pois, ao padre santo
Consagremos nosso amor.

Depois, offereceram a Vossa Eminencia um riquissimo relógio. (Quem adeanta estas informações é *A Noticia*; a *Gazeta* não se refere á dadia; esta do relógio, pertence á *Noticia* do mesmo dia).

Para mim, a poesia foi a nota culminante da festa. E aqui, talvez discordemos: para Vossa Eminencia, seguramente foi o relógio. Em resumo, foi um delirio! A banda do 15º rompeu uma marcha batida e aquella gente, cheia de bençãos, repleta de graças, rompeu ladeira abaixo, aos vivas ao Santo Padre, ao sr. cardeal, á nação e provavelmente (nem *Gazeta*, nem a *Noticia* mencionam) ao conselheiro Affonso Penna.

Eminencia, eu me associo de corpo e alma a estas homenagens, aos arcos de bambús, ás folhagens, á rhetorica, aos versos do poeta-flôr-de Inhaúma, aos dobrados da musica da Guarda Nacional, aos vivas, — sobretudo aos vivas e... ao relógio... si pudesse.

Contractamente ajoelhado, espera a benção de Vossa Eminencia, o humillimo cordeiro e filho obediente

ADOASTO DE GODOY.

A NOSSA GUARDA NACIONAL

Mais uma espectacular e ridicula exhibição, nas ruas desta capital, inscreveu a Guarda Nacional, ha dias, nos tristes annaes da sua exotica actividade.

Mais uma affirmação, solemnemente proclamada em publico, da inutilidade e caricata existencia dessa avalanche carnavalesca de individuos, agaloados da cabeça aos pés, de um dia para outro, graças ás artimanhas phantasmagoricas da politicagem.

O immortal Osorio — si lhe fôsse permitido sair da sua bronzea immobilidade — com certeza esporearia o seu ginete e a largos saltos abandonaria o posto ante a grotesca aproximação daquelle amontoado desarranjado de individuos mal amanhados, bamboleantes e mettidos em roupas destinadas a outros donos — bando dissolto de gente apanhada criminosamente nas vespas do grande espectáculo e para quem a carabina não passava de um *cacête* mais pesado e de incommodo transporte ao hombro.

Ficou igualmente attestada a ignorancia absoluta dos mais rudimentares e mesquinhos principios da arte da guerra, por parte desses empavezados e embonecados commandantes, deixando aninhar-se em seus acanhados cerebros a possibilidade pratica de formar soldados para trazer á rua, em solemne ostentação, com dois ou tres dias de aprendizagem.

E ainda se patenteou com a evidencia concludente dos factos que a actual constituição da nossa Guarda Nacional não correspondia a coisa alguma que, de leve, se assemelhe a uma agremiação armada e organizada, capaz de prestar auxilio effizaz como reserva ou coisa semelhante ao exercito permanente.

Os seus prodigiosos e alargados quadros — pois se contam por centenas e milhares as brigadas, batalhões e regimentos espalhados, no papel, por todo o nosso vasto e despovoado Brazil — os seus quadros, repetimos, existem apenas para figuração burlesca e tristemente irrisoria de *coroneis* de comedia.

Quem passeia nesta capital em determinados dias, de festas publicas, facilmente verifica a praga *coronelica* que nos flagella. Na tafulice dos seus amontoados galões, vivem a pavonear-se como a gralha da fabula, enganando-se a si proprios em relação á legitimidade e seriedade das contingencias e honrarias quemeticulosamente procuram arrebanhar em seus trajectos recreativos.

E impam vaidosos esses *coronelêtes*, *prussianizam-se* ao ouvir um brado d'armas, continuando garbosamente a sua marcha triumphal, em bandos, — porque em geral elles andam aos magotes — á procura de outra sentinella que repita a estrondosa continencia devida á sua elevada hierarchia.

Como bem affirmou o bello chronicista da *Gazeta de Noticias*, contribuiu grandemente, para o desprestigio das coisas de guerra, a militança de *mentira* com que a politica presenteou o Brazil.

E, na verdade, o continuo espectáculo grotesco que offerecem esses cabides de fardas, a ignorancia da posição que occupam e ostentam em frequentes occasiões, redundanecessariamente em motivo de desmoralisação, mais ou menos accentuada, para todos os que envergam a farda de direito por pertencerem a corporações regular e permanentemente organisadas.

O pretigio das forças armadas regulares está exigindo uma potente razeira, que, impiedosa, varra de uma vez, de um só golpe seguro, essa casta de honrarias carnavalescas e indebi-

tas, cuja existencia se torna nociva, altamente pernicioso, pelo rebaixamento do nivel moral, do respeito e consideração de que vive a farda genuina.

Como poderemos nós — officiaes de carreira—subalternos ou não, sujeitos, desde a infancia, ás exigencias e restricções impostas pelo regimen militar; nós, que penosa e vagarosamente, á custa de mil provações, atravessamos os postos de alferes a coronel — como poderemos conciliar o nosso amor proprio, o nosso pundonor com o respeito a que nos obriga a Constituição da Republica a essa gente, prehe de regalias identicas ás nossas, mas sem motivos plausiveis para fundamental-as ? !

E não satisfeitos com essa abundancia de concessões illegitimas, tentam elles approximar-se cada vez mais, egualar-se *in totum* ao Exercito; merecendo-lhe especial cuidado a semelhança dos uniformes, para que, assim enfarpelados, ao longe ou aos olhos dos incautos mais se confundam com os coroneis de verdade.

Ainda nas vespersas dos folguedos carnavalescos deste anno, epocha aliás bem apropriada a esse effeito, o *Diario Official* occupou muitas columnas com a publicação do decreto estabelecendo um novo plano, completo e amplo, de uniformes.

E lá surgiu uma série interminavel de uniformes diversos e mais vistosos que os antigos: uniformes de parada, de quartel, passeio, corridas, *matinées*, *pic-nics* e até, no requinte da elegancia, um uniforme correcto e supimpa para bailes e grandes solemnidades puxadas á casaca.

A mudança de uniformes, em qualquer corporação armada, suppõe sempre exigencias de serviço, necessidade de melhor adaptação ás condições normaes e accidentaes da vida do soldado e do official—e para isso acontecer é preciso que a experiencia quotidiana indique a oportunidade de modificações ou alterações nos que estão em uso.

Ora, si a Guarda Nacional não está em actividade, si não possúe soldados nos seus quadros, si elles não fazem exercicios nem os serviços proprios da vida arregimentada — onde en-

controu ella bases para alterar o regimen de seus antigos uniformes ?

Para essa corporação, nas condições em que se acha ao presente, parece-nos mais razoavel que se devia simplificar e não complicar o fardamento: uma calça de panno amarello, uma blusa verde com botões dourados e umas estrellas no punho para indicarem as graduações e um chapéu qualquer de dois bicos—preencheriam plenamente as suas necessidades de distinctivo, além de que, o que é importantissimo — arrefeceria de muito essa mania de se fingirem officiaes de verdade... ficando patriotas de verde e amarello.

Um outro acontecimento, denunciador da preocupação enfermiza de quererem egualar-se aos officiaes do exercito, appareceu no mesmo dia da monumental parada, com a criação de medalhas de bons serviços.

Ora, ahí está uma coisa difficilima de ser comprehendida por qualquer mortal: serviços de Guarda Nacional. Salvo si se contar com tempo para tal effeito o que medear entre as suas nomeações de officiaes ou alistamento como praça até o fim dos 20 annos exigidos pela lei. Evidentemente esse procedimento não é legal nem justo, porque o Estado nada tem que ver com o tempo que o individuo passa ao balcão do seu negocio, para satisfação de interesses puramente particulares. Si, porém, se adoptar para a contagem, unicamente os domingos, dias em que costumam reunir-se em suas casas-quarteis, para que possam alcançar o direito ao medalhão, precisam, pelo menos, esperar uns 140 annos de serviços, visto como cada anno deve ser computado apenas como 52 dias.

Segundo este ultimo alvitre, o caso muda inteiramente de figura, e a coisa fica direita: foi feita para inglez ver e a Guarda Nacional ambicionar.

TENENTE MAX.

Vendem-se collecções dos « Annaes » ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

As officinas dos « Annaes », dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

A LIVRARIA

« O ULTIMO FAUNO », POR JOÃO GRAVE. — PORTO. — LIVRARIA CHARDRON. 1906.

E' um livro concebido com graça e feito com esmero, livro em que entra muita phantasia, mas que nem por isso pôde ser classificado como obra de ficção propriamente dita.

Conta-nos o auctor que « por um terno e evocador occaso d'outomno » encontrára um deus de pedra « em frondoso parque circumdado de folhagens e de verdura, parque pertencente a um castello senhorial desmoronado ». Esse deus vinha a ser um Fauno, « um forte e lindo Fauno adolescente ».

Era á noite. De repente, por um mysterio inexplicado, arvores, folhagens e flôres começaram a falar, sob o fulgor das constellações. O Fauno, tambem elle, accordou da sua meditação de inanimado, olhou para o poeta, « bocejou como quem desperta de um somno de seculos », e começou a contar-lhe « a sua historia luminosa e triste ».

As 257 paginas da brochura devem-se a esse miraculoso encontro, que se repete dahi por diante e dura não sei quantas noites, para a bôa confecção do livro.

Este é feito das falas que desses encontros se produzem. Quem tem a palavra não é simplesmente o Fauno, A hirsuta divindade começa a discorrer com muito estylo sobre a sua intermina existencia, que já vem de tão longe, sendo que elle viveu out'ora á beira dos lagos, cheios de lua, onde as Nereidas sonhavam e onde as aves sagradas, que desciam do Olympo mansamente, vinham banhar-se e cantar na ternura do sol poente. Mas dentro em pouco é interrompido pelo auctor, que acaba por armar um verdadeiro dialogo com a estatueta animada.

Sob esta fórmula de dialogo fica o trabalho menos monotono. Além da québra da monotonia, ganha o livro leveza e elegancia com o facto do escriptor não exgotar o assumpto numa noite só e assim poder expol-o em pequenos e varios capitulos.

O Fauno do sr. João Grave (não se tratará de um pseudonymo ?) principia confessando que « acha a immortalidade enfadonha e insupportavel », e com razão, — reconheçamos — no abandono a que teem sido votadas, vae quasi para dois mil annos, as coisas do Olympo.

Nem por isso, no emtanto, abandonou seu modo de ver e suas crenças antigas, nem por isso se deixou seduzir por essa prosaica e melancholica civilisação monotheica, a cujo evoluir tem assistido bocejante, quando não

com aversão, mesmo com asco, que ella, em varios dos seus aspectos, tão plebeus, tão miserandos, muitas vezes irresistivelmente lhe suscita.

E' preciso ver com que mocidade e talento discursivo a divindade faz o elogio da sua epocha triumphal, sua epocha de liberdade e nobreza, de esplendor e de gozo, quando o mundo ainda não envelhecera, e o grego, altamente, finalmente concebia e realizava sua obra incomparavel, pelo genio e pelo gosto, pela elevação e pelo sentimento da medida, sendo este ultimo o que elle teve de mais idéal.

Passa-nos sob os olhos uma mythologia inteira, sob a fórma de quadros rapida e magnificamente esboçados, em que todos os deuses pagãos se apresentam esbeltos e dominadores, cada um delles e sua historia como novo argumento vivo em favor das affirmações lançadas.

Essa brilhante galeria de typos e essa massa de factos, exibidos assim successivamente por habillissimo recurso rhetorico, não nos seduzem tanto o espirito como os sentidos, menos persuadem do que hypnotizam, mas acabam conseguindo um supremo triumpho, produzindo a illusão das argumentações exhaustivas.

E' esse o privilegio da arte, e o Ultimo Fauno parece haver aproveitado singularmente com as lições do magico Eça de Queiroz, que tinha justamente taes processos, e até falava destes assumptos com o mesmo espirito liberrimo, audaz, que aqui se nota, colorindo os objectos com os mesmos toques vivos e peregrinos, nuancando-os com a mesma suavidade e ternura, com a alma e o gosto de um pagão moderno.

Sente-se: não é de hoje que esta loquaz divindade accordou. Si ha dez annos passados ella não falava aos homens com sua bocca de pedra, vivia, no emtanto, attentamente a escutal-os, e ora que se resolve a tomar a palavra os seus discursos representam uma producção de epigono, tem ainda um tom vivo, mas já caracteristicamente crepuscular. E' um fauno de qualquer modo contradictorio com a natureza impetuosa, insoffrida que lhe deve ser propria, como fauno que elle é, pois que este seu bello gesto de hoje pecca apenas por vir um pouquinho retardatario.

Para contradizer o divino exilado do Olympo, o sr. João Grave phantazia-se de «cavalheiro christão e liberal», armando-se desde esse momento entre os dois um prelio que seria como os da Odyssea si ambos se batessem com o fervor que a legitima fé inspira.

Vê-se, claramente, porém, que ao auctor custa em certos casos aparar o golpe e que o não retribue muitas

vezes em perfeita correspondencia, mas isso porque indomaveis frouxos de riso o assaltam por trás da mascara, estando elle a representar aquelle piedoso papel por uma intrugice necessaria para a defeza da causa que toma na realidade a peito,—essa que parece abandonar aos recursos de eloquencia do seu simulado adversario pelludo.

Este «cavalheiro christão e liberal» do sr. João Grave faz-nos lembrar, na sua ingenuidade paspalhona,—apezar disso no fundo um pouco velhaca,—e na pobreza providencial da sua dialectica, do esturdio Raposo da *Reliquia*, creado como foi com a mesma heretica e perversa intenção.

Apezar da desigualdade de forças visivel entre os dois pleiteantes, o torneio váe longe, principalmente porque ha no Ultimo Fauno um desmedido prurido de exposição. Elle discorre sempre com muito estylo, como já dissemos, — brilhante, espirituoso, cheio de imprevistos no achado das palavras e no boleio das phrases, — com o pequeno senão de um brilho já um pouco de receita, de um espirito já um tanto reeditado e de surpresas quasi sempre previstas, para quem conhece no seu conjuncto todos os admiraveis *trucs* ainda do illustre Queiroz.

Não foi por preguiça, no emtanto, que o Fauno seguiu tão fielmente essa traça, pois que suas falas nos attestam copiosa e vária leitura, principalmente no sentido das preocupações religiosas e philosophicas que tem. Não ha descoberta ou pelo menos hypotheses que a philologia e a historia comparada das religiões hajam modernamente proporcionado á philosophia racionalista que o astuto e paciente pedicaprino desconheça. Do doutor Strauss até Nietzsche, quantos hereges illustres a nossa epocha tem produzido para vingal-o dos vinte seculos que elle passou no triste silencio ignorado das potestades decaídas, todos elle andou mais ou menos relanceando. Ora que fala, para se tornar mais interessante e dar-se mais auctoridade aos olhos frivolos do homem de hoje, discorre de modo a ficar semelhante facto patente.

Compreende-se que, baseado por esta fórma, *O Ultimo Fauno* seria um livro apto ao menos a offerecer grande interesse do ponto de vista das idéas, si a este respeito o auctor não tivesse seguido tão de perto as pégadas, ainda e sempre, de Eça de Queiroz. Nem as suas ultimas leituras, após a morte do mestre, puderam estabelecer uma differenciagão sensivel entre o seu ponto de vista e o do grande escriptor. Mesmo Nietzsche foi impotente para isso.

Vive-se tão vertiginosamente, tantas e tão multiplas são as nossas sensações nos tempos modernos, que até a obra do proprio illustre modelo ado-

ptado já váe empallidecendo aos olhos de mais de um, ganhando a graça mencioreira das coisas preteritas.

De modo que *O Ultimo Fauno*, sendo uma obra bem feita, um conjunto de paginas inteligentes e disertas, como já dissemos, não representa, no emtanto, um livro propriamente original, é antes caracteristicamente continuativo. Resulta dahi cançar um pouco ao estudioso que tenha o habito honesto de não saltar paginas e faça questão de ir ao fim das leituras que emprensenda.

NUNES VIDAL.

Falsa idéa de correlações entre cambio e prosperidade

Não ha sciencia alguma que mais insensivelmente conduza a conceitos erroneos do que a sciencia economica. Quem não tiver espirito analytico bem exercitado corre muito o risco de esbarrar-se em conclusões disparatadas, e é isso o que estamos vendo todos os dias. E quando se trata de cambio, é então que as idéas ultrapassam as raias do absurdo.

Tratemos de nossa these.

Tem-se dito e repetido, em publicações officiaes e outras, que a alta do cambio, isto é, a baixa do agio do ouro, é um indicio de prosperidade.

Onde é que se foi descobrir isso?

A tal interrogação, a immediata e unanime resposta é: que baixa o preço de tudo o que se compra.

Na verdade, assim é. Mas isso não demonstra que se tenha entrado em um estado mais prospero, nem menos prospero.

Com effeito, si baixa o preço de tudo o que se compra, e si se tem em mente que cada individuo é não só comprador como tambem vendedor, quer se trate de coisas ou de serviços, é evidente que a differença que elle ganha quando compra, elle a perde quando vende, pois que todos são ao mesmo tempo consumidores e productores.

Si essa equivalencia de resultados não se manifesta immediatamente, é porque a engrenagem economica é perra, tarda, torpida. Quando a luz gasta tempo em caminhar, já se póde imaginar que longo tempo é necessario para a propagação de um effeito economico, excepto, na questão vertente, o caso em que o comprador ou o vendedor é importador ou exportador, porque então esse effeito se manifesta promptamente.

Pensarão, talvez, aquelles que são retribuidos pelo Estado que, percebendo vencimentos fixos, elles comprarão mais barato, em virtude do

cambio alto, e continuarão a vender os seus serviços ao Estado pelos mesmos preços. Será isso uma illusão que durará pouco tempo.

Com effeito, com a baixa de preço de todas as coisas, verifica-se a baixa da arrecadação das rendas publicas, o que obrigará o Estado a reduzir, por meio de maiores descontos, os vencimentos actuaes dos funcçionarios, com excepção apenas de duas classes, a tal respeito *privilegiadas*: altos magistrados e militares.

Haverá diminuição de renda publica, porque diminuirá o producto de todos os impostos *proporcionaes* ao custo do objecto da transacção, custo esse que diminuiu em consequencia da alta do cambio. Quanto aos objectos tributados em quantia *fixa, invariavel*, essa tributação se tornará tão exaggerada, tão perturbadora do equilibrio economico, que os poderes publicos serão forçados a reduzi-la.

Ainda temos uma meia duzia de argumentos para demonstrar que — cambio e prosperidade *hurlent de se trouver ensemble* —, mas não queremos augmentar o tédio e a irritação daquelles a quem, já vivendo difficilmente, ainda se deparam interminaveis dissertações sobre Cambio & C., que nada lhes aproveitam porque os proprios governantes não sabem distinguir o joio do trigo; sempre tomam a nuvem por Juno.

Vamos, pois, em breves termos, apresentar sómente mais duas hypotheses para corroborar o que já foi dito, e destruir essa idéa supersticiosa e fértil de nocivos resultados.

Si é verdade que a alta do cambio condúz á prosperidade, é simples e expedito o meio de obtel-a. Prohibase a entrada de principaes artigos estrangeiros que podemos produzir no territorio nacional. Immediatamente o cambio adquire uma força ascensional, que o levará além de 27. O dinheiro em papel attingirá o seu maximo de agio, e o saldo a favor da exportação entrará em ouro no territorio brasileiro.

Que bella perspectiva de prosperidade! Uma população inanindo-se pelos preços fabulosos dos substitutivos productos nacionaes, mas tendo a satisfação de ver circular as moedas de ouro. Seria isso um justo remate do presente regimen todo *avenidal* e prophylatico: morreríamos á fome, esthetica e hygienicamente, e no meio do ouro indigestivel, inassimilavel. Sorte analoga á do arabe faminto do deserto que, quando pensava ter encontrado um sacco de tamaras, soffreu a cruel decepção de verificar que eram perolas.

Vejam agora a hypothese inversa.

Supponhamos que fôssem abolidos os impostos aduaneiros protectores

das custosas industrias nacionaes, algumas das quaes são assim amparadas ha meio seculo ou mais.

Dahi resultava logo o augmento da importação e consequente descida do cambio. Entretanto, muito baixariam os preços dos productos *desprotegidos*, e encontraríamos num período mais proprio, ou, melhor diremos, menos miseravel.

Vemos, pois, que, na primeira hypothese, o cambio sóbe e a miseria augmenta; e na segunda, o cambio baixa e a miseria diminúe.

Semelhantemente, poderíamos admittir outras hypotheses em que se dá a inversão dessa coincidência, sem que, por isso, taes resultados sejam paradoxaes, pois que elles procedem logicamente de *causas* bem definidas: e o cambio, nesses factos economicos, não é mais do que um *effeito* simplesmente accidental.

Não devemos, porém, nos admirar de que o preconceito em questão esteja muito radicado no espirito de nossos estadistas, si nos recordarmos do que aqui occorreu em epocha não remota.

Houve mais de um ministro de finanças que deu o triste espectáculo de convocar os gerentes dos bancos internacionaes, afim de que elles suggerissem meios suspensorios para o cambio, que já havia caído á altura dos calcanhares.

Tal procedimento, além de revelar a inaptidão dos consultantes, tambem mostrava que elles confundiam economicistas com banqueiros ou prepostos bancarios, assim como outros confundem astronomico com astrologo, e metallurgista com forjador.

Como já havia cessado a emissão de dinheiro em papel sarapintado, esses ministros entendiam que tambem devia ter cessado *imediatamente* a queda do cambio, como si neste mundo houvesse acções ou causas de effeitos instantaneos.

Por estas e outras, póde-se asseverar, sem a menor calumnia, que, si esta infeliz Republica se arrasta tão miseravel, é isso quasi que exclusivamente devido á incapacidade de seus governantes; e assim se tem desacreditado, entre nós, o mais nobre regimen de governo.

Tudo isso por desconhecem o seguinte principio universal: — E' sempre falso todo o raciocinio que condúz a conclusões miraculosas.

Os tempos thaumaturgicos já vão longe, não voltam mais.

ERTY.

Vendem-se colleções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXIII

A Constituinte reatára o fio da discussão da lei fundamental, interrompido durante as sessões precedentes, pela agitação do caso do bergantim *Treze de Maio*. Os derradeiros estalidos da voz brilhante de Antonio Carlos, levados pelos echos do recinto parlamentar, ainda se esvaíam lentamente de abobada em abobada...

O orador paulista havia, soberbo e inflexivel, bradado: «O Poder Executivo não ha de fazer sinão o que lhe ordenamos; obedecerá á vontade da nação e somos nós que representamos e exercemos a soberania. Eu, na verdade, sou irreconciliavel inimigo da ingerencia dum poder nas attribuições do outro poder; não admitto doutrinas anticonstitucionaes.

Nestas poucas palavras, proferidas pelo publicista orador, quantos erros concernentes á theoria da divisão dos poderes e que violenta ingerencia, annullando a competencia do Executivo, dando-lhe ordens, por consequente permittindo e praticando doutrinas anticonstitucionaes? Não admitte o principio da harmonia, que liga e vivifica os poderes.

O orador untre-se de sensações, que a sua vontade e consciencia psychologica irreflectidas não discriminam nem dominam. O caso do bergantim ministrava-lhe azo a uma explosão de fulminea eloquencia e de acendrados rasgos de patriotismo; assim, para produzir esses dois effeitos, sacrificou a logica do systema constitucional não só no tocante á divisão dos poderes, mas tambem no principio capital da representação da soberania. Nenhum poder, por si só, representa a soberania; todos reunidos, exercendo suas attribuições dentro da esphera traçada com os *limites e contrapozos* de que fala o publicista inglez, (1) fórman a machina do regimen constitucional-representativo, em que obra a soberania. Antonio Carlos, porém, ou não quer comprehender o systema ou não se lhe dá de cair em flagrantes contradicções e grosseiros erros, que se repetem em quasi todas as discussões, tratando-se do Poder Executivo depois da demissão do ministerio Andrada; emquanto este governava, uma simples pergunta era por elle qualificada de ingerencia; agora declara que o ministerio ha de fazer o que a *Camara ordenar*. Mas, desde que professa a doutrina da divisão dos poderes, uecessariamente não deve conceber que um só poder represente a soberania, porque seria a negação do principio fundamental

da divisão; seria estabelecer o absolutismo que absorve um poder pelo outro e, desta arte, nullificado ficaria o systema.

Concluida a discussão do caso de bergantim *Trese de Maio*, a Constituinte activamente atarefou-se com o projecto da Constituição.

Suscitou-se logo ardoroso debate sobre o artigo 1.º: *O Imperio do Brazil é um e indivisivel e estendo-se desde a foz do Oyapok até os trinta e quatro graus e meio ao sul.*

Muitos fôram os discursadores; entre elles, Carvalho e Mello, Pereira da Cunha, que invocaram os antigos tratados, que não resolviam a questão, a qual só em nossos dias ficou definitivamente ajustada. Araujo Lima, signatario do projecto, não o defendeu; os outros permaneceram silenciosos. Antonio Carlos, que não perdia occasião de orar, não tugi nem mungiu.

Montesuma enviou á meza uma emenda; justificando-a, falou abundantemente, e combatendo a disposição do artigo, evidenciou os males que poderia produzir; depois de lucida e vigorosa argumentação, concluiu: «Enquanto á 2.ª parte do artigo, ainda insisto na suppressão, 1.º porque é impolitico e perigoso; 2.º, porque pôde sacrificar, mesmo, o possessorio da uação, mal estabelecidos os pontos onde se marcam as raias pelo norte e sul; 3.º, porque é manco e de fórma alguma preenche o fim, visto que falta limitar pelo occidente, o que se não faz; 4.º, finaluente, porque uenhuma utilidade resulta de tal declaração, ao mesmo tempo que vamos deliberar precipitadamente, e o que é mais, sem inteiro e cabal conhecimento de causa. Já em outra sessão, mostrei o impolitico que era declarar limites ao Brazil, quando ainda não foi reconhecido Imperio; quando sabemos se aconselha na Europa o convocar-se um Congresso para conhecer dos destinos do novo mundo: muito estimaria a França ter um motivo, embóra injusto e attentatorio, para colorar a sanha que tem declarado a radicação das fórmas de governos representativos, para dizer melhor ao genero humano livre e independente, etc.» Seguiu-se Henrique de Rezende, que submetteu esta outra emenda á deliberação da Camara: «Proponho que o titulo principie pelo que é artigo segundo, passando a 1.ª parte do art. 1.º para o titulo segundo, que será — do Imperio do Brazil e sociedade brasileira». Essa emenda não foi approvada.

O deputado Fernandes Pinheiro ponderou que, para «resalvar o Estado Cisplatino, fazendo parte do Imperio por federação, pronunciou-se na sessão passada: e tem notado que, por

isso, a Assembléa está propensa a supprimir a 1.ª parte do artigo, etc.»

Vergueiro, Carvalho e Mello, Pereira da Cunha, que proferiram bons discursos; Camara, Almeida e Albuquerque, Araujo Lima, Maia, falaram quasi no mesmo sentido a respeito do artigo. Julgada a materia discutida, propostas as emendas á votação, fôram rejeitadas. O artigo não passou qual estava redigido no projecto. Não foi approvada a emenda do deputado Vergueiro, mandando supprimir todo o artigo. A Camara, por fim, adoptou a emenda de Montesuma.

Releva notar que o proprio Antonio Carlos, que se ostentava tão sabedor, formulára uma disposição constitucional que, como demonstrou Montesuma, prejudicaria o possessorio do Brazil, quanto ao territorio; tal a sua inexperiencia.

Discutiram-se incidentemente outras materias, que motivaram disputas ociosas, frivolas, e muitas tomaram o tempo unicamente. Era isso natural, porque havia na Assembléa, além da reconhecida inexperiencia uma *comichão* de falar, segundo a expressão de Alencar, que assim qualificava a garulice dos paes da patria.

Já vimos que o preambulo ministrou materia de vastas dissertações theologicas, em que sobresaíu principalmente o bahiano Silva Lisbôa; em que outros, apenas, salientaram-se como tagarellas. A questão do territorio animou-lhes de novo a palavra e deu lugar a tão porfioso debate, que realmente era escuzado desde que a Assembléa não conhecia com exactidão os limites do territorio componente do novo Imperio, conforme marcava o artigo que foi corregido pela emenda do deputado Montesuma.

Cabe fazer, aqui, algumas observações a respeito de certos factos, muitas vezes reproduzidos, e que tiveram grande influencia nos destinos da Assembléa Constituinte, cujo descalbro provém do concurso de diversas causas.

Nesta mesma sessão de 15 de setembro, na qual se discutiu o artigo do projecto da lei fundamental, fôram apresentadas varias indicações que provam a lucta mal dissimulada, porém permanente, da Assembléa com o Poder Executivo, exercido pelo Imperador. O futuro e proximo successo, que resultará do decreto de 12 de novembro, não será um effeito sem causa determinativa. Ora colher, notar, e apontar as circumstancias que formam uma somma sufficiente de motivos que originaram aquelle decreto, é uma tarefa a que, conscienciosamente, a historia desse periodo da vida nacional, não deve furtar-se.

E' facto verificado e incontestavel que, desde as primeiras sessões da

Constituinte, diversos deputados attribuzam ao Governo Imperial, por muitos actos violentos e illegaes que praticára, as perniciosas desconfianças que corroíam a alma do povo em todas as provincias do sul ao norte do Imperio. Essas manifestações comprovam-se com documentos historicos authenticos e irrecusaveis, como são os discursos proferidos no recinto parlamentar e conservados no *Diario da Camara*. Hoje o representante duma provincia afirma que o Imperador desconfia das nações e esta do Imperador, conclúe: *acabemos duma vez com taes desconfianças, seja uma só a voz da nação e do Poder Executivo* (2). Amanhã o deputado Alencar, pugnando pela soltura do coronel Costa Barros, eleito representante do Ceará e encarcerado durante tres mezes sem culpa formada e sem indicios de haver commettido crime, dirá: não quero accuzar ninguem, mas o paiz inteiro está preocupado e atemorizado com tantas violencias (3). Carneiro da Cunha, representante da Parahyba, declara-se coacto, sem liberdade para votar; sabe que as *espias seguras* da policia do ministerio Andrada farejam por toda a parte e que as gazetas do Governo teem vergastado brutalmente, como demagogos, republicanos, carbonarios, e desorganizadores, os deputados que votaram em favor dos projectos de perdão, de amnistia e da revogação do cruento alvará de 1818 (4). Ainda mais essas propostas da revogação do referido alvará e da concessão de amnistia e perdão indicam o estado afflictivo em que se acha a sociedade brasileira, estado tal que reclama esses poderosos remedios (5). Vê-se Lopes Gama, esforçando-se para que o Governo mande soltar prezos em Pernambuco (6). Outros deputados depreçam em beneficio de numerosos prezos que entulham os ergastulos da Ilha das Cobras, da Lage, etc.; rogam em favor dos jornalistas desterrados arbitraria e injustamente.

A Constituinte leva a sua opposição ao ponto de inquirir do Governo porque admittia no exercito taes ou taes officiaes. Ella fazia desse assumpto uma supposição odiosa que confirmava as desconfianças. Em verdade, naquelle momento, abrir as fileiras do exercito brasileiro aos officiaes do general Madeira, ainda tintos do sangue brasileiro, parecia indicar ou um plano de restabelecer o antigo regimen da monarchia tradicional, ou um supremo desdém pela nacionalidade que acabava de conquistar a Independencia e de proclamar o Imperio na pessoa do sr. d. Pedro.

O povo tinha, pelas apparencias, so-bejas razões de duvidar do Imperador, que era portuguez e talvez premeditadamente chamava a si os seus anti-

gos contreraneos. Havia em tudo isso um equívoco bem claro, que o povo deixava de comprehender, como a propria Assembléa.

O Governo precisava de soldados e não os tinha no paiz, por isso lançava mão desses lusitanos que haviam, ha pouco, militado nos exercitos do general Madeira, porém agora impotentes contra a causa brasileira, e não eram perigosos em nosso exercito. Dumlado, o governo de d. Pedro não poupava as susceptibilidades nacionaes; de outro lado, os brasileiros, odiando os seus antigos oppressores desde o tempo colonial, não tinham o criterio de bem ajuizar do procedimento do governo imperial; attribuiam-no, ao contrario, a planos sinistros e oppressores.

Havendo essas reciprocas desconfianças, entre o povo, a Constituinte e o governo imperial, desconfianças creadas e aggravadas pelas devassas e perseguições do ministerio de José Bonifacio, é intuitivo que a Assembléa e o Poder Executivo não podiam harmonizar-se.

Os dois poderes hostilizavam-se com dissimulação. A Constituinte não perdia occasião de patentear a sua má vontade a respeito do Executivo e já temos apontado muitas. Vamos, todavia, tratar duma que é visível e não pôde ser posta em duvida.

Na sessão de 15 de setembro, depois da discussão do artigo do projecto da Constituição, o secretario leu o seguinte officio do ministerio da guerra:

«Ordena s. magestade o Imperador que eu communique a v. ex. para ser presente á Assembléa Geral Constituinte e Legislativa, que acabam de chegar á secretaria de Estado dos negocios da Guerra, officios do governo e governador das armas da provincia de S. Paulo, datados do dia 6, em que participam não ter occorrido circumstancia notavel na provincia; accrescentando o Governo que por ter vindo no conhecimento de que na devassa, a que tinha mandado proceder, se ia conhecendo sómente rivalidades entre alguns individuos, a qual muito se augmentaria com os depoimentos, a mandára sustar. — D. G. Paço, 15 de setembro de 1823. — João Vieira de Carvalho.»

O deputado Montesuma diz: «parece-me que este officio deve ir á commissão. Ha indicações para propôr e estas não merecem menos attenção que o parecer...»

O presidente submetteu a questão á Assembléa, que decidiu que se lesse o parecer que contém as seguintes idéas: «o ministro da Guerra participa a Assembléa que o estado politico da provincia de S. Paulo, em que se manifestára uma conjuração projectada em opposição ás ordens de s. m. Imperial,

como fez saber o governo provisório da mesma provincia, exige as deliberações que assignalem até que ponto podem levar-se as medidas extraordinarias, é de parecer que se agradeça a s. m. Imperial a sua tão louvavel conducta na desejada e promovida harmonia entre ella e o Governo, e depois lhe faça saber que a mesma Assembléa considera não serem necessarias deliberações particulares no caso occorrente, quando o Governo, no livre exercicio das suas competentes attribuições e conforme as disposições das leis existentes, tem a seu alcance todos os meios de repellir e destruir taes obstaculos e criminosas malversações oppostas ao socego publico e bem do Imperio. — Paço da Assembléa, 15 de setembro de 1823.»

Deste parecer vê-se que, por sua parte, o Governo procura proceder de harmonia consultando a Camara: é este sempre o seu proposito, ou natural, ou por cálculo, para destruir as desconfianças.

Agóra apreciemos o modo pelo qual foi julgado o seu procedimento. E' no estudo destes factos que podemos formar um juizo acertado das causas dos acontecimentos.

O deputado Vergueiro observa que se tirem do parecer os agradecimentos, porque pôde entender-se que queremos que venham a esta Assembléa mais destes negocios que não são da nossa competencia. Antonio Carlos, porém, quer ainda mais: que se não uzem expressões, de que possa coligir-se que o Governo tem em suas mãos todos os meios; o Governo não tem sinão os que lhe competem; os meios extraordinarios... eu nunca lh'os concederei.

Aqui, manifesta-se o espirito de opposição do orador paulista ao ministerio que succedeu ao de seu irmão, e o seu proposito de contrariar o Governo do Imperante.

Nesta sessão, abundam as circumstancias que ainda avolumam os motivos que irritam o animo do Imperador contra a Constituinte.

Montesuma diz que, lendo o *Diario do Governo*, de 13 deste mez, achou uma portaria do ministro da Guerra, em que elle se exprime por uma maneira ao que deliberou a Assembléa e de que pôde resultar a esta; a palavra empregada — para o futuro, alguma responsabilidade, resolveu — quer dizer, tomou conhecimento do negocio como attribuição sua, remetendo ao Governo a resolução para a executar. Entendo que a Assembléa não tomou conhecimento, sinão porque foi consultada pelo Governo.

Montesuma referia-se ao caso do marechal Luiz Paulino e bergantim *Treze de Maio*. Dizia ainda: «não queremos nada do Poder Executivo». Ao

passo que isto se ouve na Assembléa, Antonio Carlos, antes, na mesma questão do bergantim, bradava: «O Poder Executivo ha de fazer o que lhe ordenamos; somos nós os representantes da soberania.»

Ainda, nesta mesma sessão de 15 de setembro, Montesuma proferiu o seguinte: «Não posso ser surdo aos clamores da minha provincia, que tanto soffreu da barbaridade lusitana, nem ver com indifferença que sejam attendidos aquelles mesmos que a flagellaram». O orador bahiano tratou dum official lusitano que perseguiu os brasileiros na Bahia, e foi admittido ao nosso exercito, e exclama: «Que, senhores, é possível tal?!» Declara que muitos que ensanguentaram as mãos infames no sangue brasileiro, fôram preferidos, tendo pelejado contra a nossa independencia. Accuza acerbamente o ministro da Guerra; termina mandando esta indicação: «Proponho que se remetam á commissão de guerra as portarias e certificados juntos sobre a admissão ao serviço brasileiro dos officiaes lusitanos, etc.»

Parecendo que o capitulo não estava completo, surgiu na tribuna o deputado pernambucano, Henriques de Rezende, que se expressou desta maneira: «Ha ahí um official que foi do 2º batalhão de caçadores em Pernambuco no tempo de Luiz do Rego, incansavel em perseguir os pernambucanos na causa que sustentavam... Depois foi, com outros, mandado para Portugal, e lá formaram corpos de tropas para virem á Bahia, onde deram muito sangue brasileiro. Quando o general Madeira se retirou, o tal official passou-se para o interior e acha-se hoje bem empregado. Foi por isso que offereci um projecto de decreto; o tempo está mostrando que eu tinha razão». Carneiro da Cunha, que é um dos espiritos independentes e de nobre e altivo caracter, disse: «não é só aqui que ha destes individuos, existem em todas as provincias. Fôram pedir armas contra nós a Portugal, voltaram, nos hostilizaram, e hoje são admittidos ao nosso serviço: apontou um certo coronel Loureiro». Por fim, o deputado Calmon (irmão do marquez de Abrantes) affirmou que a Bahia pasma de ver que estes lusitanos ainda estejam no Brazil; que tenham vencimentos e se lhes conte a antiguidade mesmo do tempo em que tomaram armas contra o Brazil.»

Quando a representação nacional no Parlamento, propalava taes pensamentos, necessariamente levantava-se o odio publico, a desconfiança geral contra o governo do Imperador, que empregava, no exercito brasileiro, os lusitanos que combateram os patriotas sustentadores da causa sagrada da emancipação politica.

Certamente o Imperador não podia ver com agrado uma Assembléa, reputada incapaz para promover o bem publico, mas occupada em discutir assumptos que tornavam o seu governo detestado e concitava contra elle as coleras de uns, a indifferença de outros e lhe arrancava da alma do povo aquelle prestigio, enthusiasmo, que elle amava e de que tanto se ufanava. Os actos, as palavras da Constituinte, cada dia, a compromettiam no conceito do chefe do Estado, que todavia dissimulava, meditando o modo de nullificá-la em conjuntura em que não falhasse o golpe.

Lendo-se os documentos dessa epocha e comparando-se os do Governo Imperial com os da Constituinte, admira-se a moderação, o calculado tino, com que procede o Governo; ao contrario, surprehendem a leveza, as exuberancias da imprudencia, a ignorancia e muitas vezes a subserviencia da Assembléa Constituinte.

Não ha um acontecimento que o Governo não communique e não peça a opinião e o concurso da representação nacional, provando a sua boa vontade de marchar em harmonia com ella. Assim fez quando aqui aportaram o bergantim *Treze de Maio* e a fragata *Voadora*, com os commissarios portuguezes.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Bagehot, *Const. of Engl.*

(2) Discurso do padre Dias, sessão de 6 de maio.

(3) *Diario da Camara*, sessão de maio.

(4) Idem.

(5) Idem.

(6) Idem.

O ALMIRANTE (84)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVIII

Amelia passou o resto do dia com a marquezia, aguardando a promettida visita de Dolores. Ao menor rumor de carruagens na rua, ella estremecia, erguia-se para verificar si se dirigia ao palacio e volvia á interrompida conversação sobre as pequenas futilidades femininas, sobre os successos de mais destaque na vida fluminense. Vieram os amigos habituaes, d. Eugenia, o conselheiro, o Castrinho cujas visitas se tinham tornado raras, tão preocupado vivia com os negocios, a febre dos negocios que, numa superexcitação aguda, empolgava toda a gente. Laura acompanhára os paes, mas se lhe notava no semblante algo de estranho, um tom de medo, de acanhamento nublando aquella meiga expressão de ingenuidade encantadora, frequentes congestões de pudor nos momentos em que o seu tímido

olhar relanceava sobre Hortencia e Oscar.

Approximou-se a noite precoce, precedida pelas sombras das montanhas, suave penumbra que se derramava pelo valle como um liquido escorrendo, confundindo num tom indeciso, cada vez mais escuro, a floresta, o arvoredo do parque, os pictorescos accidentes da paisagem, sobre a qual se destacavam, incendiados pelos raios do sol tombante, os picos erigidos de rochas rubras, emergindo asperos da alcatifa de folhagem sombria.

A anciedade de Amelia se aguçava em excitação mal contida. Ella não podia disfarçar o perverso empenho de gozar o percuciente espectáculo da scena commovedora que Dolores provocaria, no primeiro encontro com os esposos.

Quando se dirigiam todos para o salão de jantar, chiou uma carruagem na areia branca do jardim. Amelia dirigiu-se rapidamente para o peristilo, onde se apeiou o dr. Adeodato.

— E Dolores? — inquiriu Amelia.

— Minha mulher — respondeu elle — deu agora para mudar de opinião a cada momento. Estava preparada para vir. Ella mesma me havia proposto esta visita, com a qual concordei, apesar dos innumerados afazeres que me não deixam um momento de repouso; mas... á hora da partida, ficou muito pallida, a tremer, numa extraordinaria excitação nervosa, que terminou em lagrimas. Ah, minha senhora, de certos dias para cá, não comprehendo a minha querida esposa, não sei que transformação se opera nella, não é a mesma.

Adeodato falava, dirigindo-se para o salão, onde foi recebido pela marquezia, renovando o pedido de informações da saúde de Dolores, das causas de sua tão prolongada ausencia.

— Eu dizia a d. Amelia — respondeu Adeodato, em tom de lastima — que Dolores está atacada dos nervos. Não tem mais vontade, não se governa. A mulher adorada se transformou numa viva contradicção, num enigma...

Amelia franzira os sobrolhos e apertava as mãos com impaciencia pelo mallogro da sua expectativa.

Ao começarem o jantar, ouviu-se o sonoro echo longinquo do piano de Hortencia, executando um nocturno celebre, cuja melodia, coada no silencio da noite, se espalhava á sordina, saturando o ambiente com um tom de mystica melancolia, como si transportasse os queixumes de um coração dolorido. Todos os olhares se dirigiam para o ponto luminoso que rutilava através da folhagem negra, indicando os vitraes multicores das janellas do *chatô*, onde Hortencia enchia as longas

horas com aquella diversão, recordando os trechos favoritos do seu repertorio.

— Não esperava esta agradabilissima surpresa — exclamou o doutor Adeodato — Esta musica suggereme a triste situação da minha querida esposa, sósinha em casa, entregue ás suas mysteriosas maguas.

— Mysteriosas maguas? — interrompeu a marquezia, sorrindo.

— Maguas Moraes, talvez — accrescentou Amelia, accentuando as palavras.

— Não sei si são Moraes, ou phisicas — concluiu Adeodato — Ella não se queixa, nunca me revelou o mal que a afflige. E como eu me acostumei a respeitar os seus caprichos, não insisto; resigno-me a ignorar para soffrer menos.

— Mas um marido como o senhor — tornou Amelia — tem o direito de desvendar todos os segredos da mulher, de conhecer-lhe o coração sem véos, soffra ou seja venturosa.

— Eu sou um marido, cuja tranquillidade depende de não me abalaçar a intervir: observo e espero. Deixo-lhe essa intensa liberdade de que é tão ciosa.

— As mulheres necessitam de sentir a influencia de um sêr superior a ellas, que as dirija e até que as conduza. Algumas se apaixonam pelos homens fortes, severos, de coração aspero que sejam capaz até da extrema brutalidade de castigal-as — observou Amelia.

— Essas — atalhou o conselheiro — soffrem da inopia de educação; figuram entre as creaturas infelizes que reproduzem o atavismo da barbaria, a hereditariedade da infima condição primitiva da mulher escravizada ao homem, a mulher ciosa, a mulher sem alma. Em uma senhora não se bate nem com uma flôr.

A marquezia e d. Eugenia approvaram com um gesto significativo a tirada do conselheiro que, para ellas, falava sempre com sabedoria, acerto e perfeita noção da psychologia humana.

— Com a minha esposa — ponderou Adeodato — o caso é inteiramente diverso. Ella é soberana a cujo despotismo me submetto sem protesto.

— E faz muito bem — approvou a marquezia — O despotismo de uma mulher bonita é um jugo delicioso.

— O de Dolores é dos mais suaves: trocamos, numa perfeita harmonia, os nossos direitos. Eu lhe deixo inteira liberdade; ella me permite absoluta autonomia, reproduzindo a harmonia e independencia dos poderes.

Adeodato sorriu satisfeito da phrase que repetiu para fixal-a bem na attenção do auditorio.

(Continúa)

SCIENCIA E INDUSTRIA

Origens do homem—As investigações de A. Gaudry—A hypothese de Haekel—Confirmações de Cimbali e Schoetensach—O berço da raça humana.

Na revista italiana *Nuova Antologia*, Giuseppe Cimbali, discipulo do paleontologista francez Alberto Gaudry, discute o futuro da paleontologia e mostra como, em diversos paizes da Europa, por meio de museus e conferencias scientificas, a historia dos fósseis, que é a historia da vida da terra, váe sendo lida e entendida pela massa da população.

As conclusões dos antigos scientificos fôram frequentemente contestadas pelas recentes investigações. Em data recente, a maior parte delles não acreditava na existencia do homem fossil, muito embóra Gaudry, em 1878, chamasse a attenção dos especialistas para a grande semelhança com o homem de um fossil dos *Dryopithecus antiquus*, um ape anthropoide descoberto nas camadas miocenicis, médias da França, demonstrando a grande antiguidade da especie humana. E Cimbali afirma que, não sómente está provada a relativa antiguidade do homem, como algumas descobertas tornaram admissivel a hypothese de Haekel, suppondo que o homem actual, com os primates, descendiam do mesmo typo ancestral, que, na epocha miocenica, já era um anthropoide e, na pliocenica, um pithecoide. Como passos para essa conclusão, Cimbali nota a descoberta de um esqueleto de um *pithecanthropus erectus* em Java, em 1894 e as de Schalbe, em 1901, sobre o craneo Neanderthal, de uma especie intermédia entre o homem e o ape anthropoide. O mesmo auctor notou mais a descoberta de esqueletos em Gadeloupe, perto de Liège, na Belgica e outros, demonstrando que, em epochas remotas, o homem deveria ser tão differente da especie actual que não mereceria a denominação de *homo sapiens*, indicando, afinal, a existencia de tres especies de homem em tres differentes epochas geologicas.

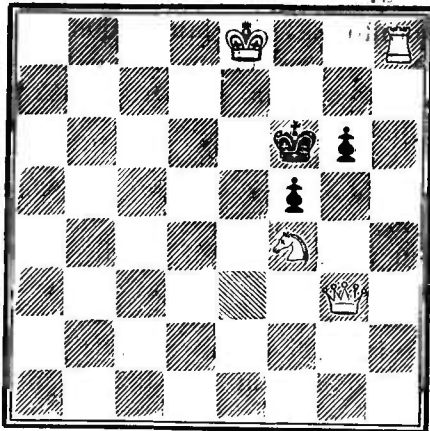
Otto Schoetensach, em uma recente obra sobre as raças australianas, pretende, partindo da descoberta do ape-homem javanez, demonstrar que o berço da raça humana é precisamente o chamado novissimo continente, a Australia. Isto está confirmado pelas investigações deste auctor, pela persistencia das raças humanas inferiores, do orango-otango e do gibbou no archipelago indo-australiano e pela recente descoberta de pegadas humanas misturadas com as do *dingo* em camadas pertencentes ao pliocenio ou ao mais remoto periodo quaternario da Australia e, ainda, pelas mandibulas

humanas descobertas, em 1904, em Monaco, muito semelhantes ás actuaes formas australianas.

Notam-se diversos claros a encher nas séries animaes e que, no problema do homem, se descobrirá o typo ancestral donde vieram elles e os primates, a maneira das transformações nos typos do Neanderthal e de Java. O conhecimento actual de outros typos animaes é diminuto comparado ao que está ainda occulto nas entranhas mysteriosas da terra.

XADREZ

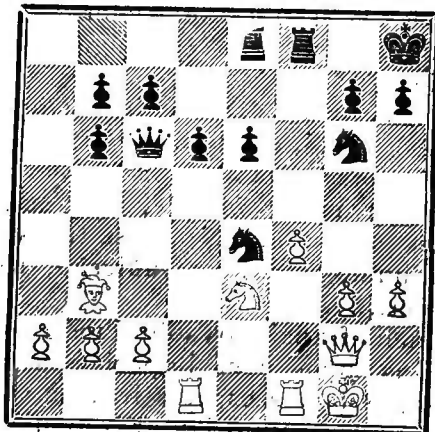
PROBLEMA N. 50
H. de Barros e Azevedo (Rio)
PRETAS (3)



BRANCAS (4)
Mate em dois lances

PARTIDA N. 56
(Jogada no Club dos Diarios a 4 de maio de 1906)

ABERTURA DO BR
Branças (Teichmann) Pretas (Leloir)
Depois do 20º lance das Pretas



- R 2 T — 21 — P 4 D
- P 5 B R — 22 — P X P (a)
- C X P (b) — 23 — T 1 D I
- B X P? (c) — 24 — T X B
- C 7 R (d) — 25 — T (4,D) X T! (e)
- T X T (1 B) x (f) — 26 — C X T
- C X D — 27 — T 7 D
- C 8 D — 28 — T X D x
- R X T — 29 — C 3 D
- P 4 T D — 30 — P 5 C R
- P 4 C D — 31 — R 2 C
- P 4 B D — 32 — R 3 B

- P 5 T D — 33 — R 3 R
- C X P I — 34 — P X P (g)
- C X P — 35 — C 2 D I

Depois de mais alguns lances as Brancas abandonam. (h).

(a) Não ha melhor. Si 22... C 2 R, 23 — P X P, D X P, 24 — B X P, etc., e é a derrota das Pretas.

(b) Começa aqui Teichmann uma combinação de apparencia brilhante mas errada no fundo. O lance correcto era 23 — B X P e a partida estaria ganha.

(c) Um erro. As Brancas não previram o magnifico lance das Pretas 23... T (T D) X T, que é positivamente irrespondivel. O sacrificio é aqui descabido, mas, a ser feito, antes 24 — T X P, o que, aliás, é muito máu.

(d) E' o que dizemos: é brilhante, mas falso. Para chegar a esta situação é que se fez o sacrificio do bispo.

(e) Absolutamente decisivo. 25... C X C seria máu; 25... C X C; 26 — T X T x, C 1 C; 27 — T X T, D X T; 28 — T 8 R, C 3 B R; 29 — D X D, C X D; 30 — T 1 C D, etc., com a nullidade assegurada e perspectivas de victoria. A variante 25... T (1 B) X T é interessante e parece que daria tam bem superioridade ás Pretas.

(f) Parece unico. 26 — C X C x, P X C; 27 — T X T x e a peça está sempre perdida. Si 26 — C X D, T (8 D) X T; 27 — D X C, P X C, etc.

(g) E' evidente que si 34... C X C, o pião da torre faz Dama.

(h) E' bem claro que o sr. Leloir não se pôde imaginar um mestre por ter ganho a Teichmann esta partida, graças a um erro grosseiro deste. No emtanto, raros amadores se aproveitariam com tanta habilidade do erro do mestre para precipital-o em uma derrota irremediavel.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA (inverso) N. 48 (Annibal da Costa Pereira): 1—R 3 B, B 1 T; 2—R 2 C, B 2 C; 3—R 1 T, B 1 T; 4—B 1 C, B 2 C; 5—D X P x, B X D mate. Ou 4—B 1 C, P 4 B x, 5—D 6 B x, B X D mate.

JOSÉ GETULIO.

RECEBEMOS:

— «Soliloquios e manual que compoz o glorioso doutor da Igreja Santo Agostinho», traducção do latim em portuguez, edição modernizada e correcta para servir tambem de texto classico, da casa Garnier.

— «O Talisman ou Ricardo na Palestina», versão portugueza; edição da mesma casa.

— «Eurico o Presbytero», de Alexandre Herculano; edição da mesma casa.

— «O Monge de Cister», do mesmo auctor; edição da mesma casa.

— *Imprensa Academica*, revista mensal de oito paginas, orgão dos academicos de São Paulo. Dos academicos de Direito, bem entendido; não o diz o programma mas deixa ver isso o estylo. O programma não é bem programma porque isso é «perfeitamente despiciendo» — como lá diz o director da revista.

Desejamos-lhe longa vida e mais paginas, de tal modo sequiosos nos deixaram as suas oit.